

Jorge Waxemberg

**Da Mística
e dos
Estados de Consciência**

Edição 2014

© 2014 Cafh
Todos os direitos reservados

Índice

Introdução	3
Prólogo	4
I. DOS ESTADOS DE CONSCIÊNCIA	7
Estados de Consciência	8
Amar a Deus	15
Positivo e Negativo	21
Crescimento e Desenvolvimento	24
II. DAS VIRTUDES NEGATIVAS	28
As Virtudes Negativas	29
Responsabilidade	32
Aceitação	37
Paciência	41
Não posse e Participação	43
III. DA MÍSTICA	47
A Mística	48
As Virtudes	49
A Renúncia Positiva	57
A Morte Mística	68
Negação Afirmativa	74
IV. DA ORIENTAÇÃO ESPIRITUAL	77
A Orientação Espiritual	78
Do Orientador Espiritual	80
Equilíbrio	87
Autodomínio	90
Transformação Contínua	95
SOBRE CAFH	98

Introdução

Apesar de este livro ter sido escrito no final da década de 60, as perguntas que nos fizemos naquele momento não somente continuam válidas, mas, diante do que acontece no mundo no momento atual, também teríamos que nos perguntar: o que está acontecendo conosco como seres humanos que, apesar de termos a nosso alcance o que necessitamos para viver em paz e nos desenvolver, não paramos de nos enfrentar, nos agredir e até mesmo nos massacrar até acabar com qualquer possibilidade de construir um mundo melhor? De que nos servem os avanços que tivemos se os usamos para nos destruir mutuamente?

Por isso continuamos pensando que necessitamos trabalhar com honestidade sobre nós mesmos para saber mais sobre nós e, o que é mais importante, para dar-nos conta de o que nos diz esse saber sobre o que somos e o que fazemos. Não é suficiente tomar conhecimento do que acontece para alegrar-nos ou sofrer conforme o que acontece, nem também nos encerrarmos em ideias feitas que, embora acreditemos serem boas, aprofundam ainda mais as diferenças que nos dividem e nos levam ao confronto. Vejamos se temos coragem para dar-nos conta de que cada um de nós é responsável pelo que acontece, tanto em sua vida como no mundo; se temos coragem para assumir essa responsabilidade e resolver em nós próprios os problemas que geramos devido a nosso modo de ser, de pensar e de agir. Em outras palavras, se ousamos dar-nos conta de que nossa maneira de ser, de pensar e de agir define um estado de consciência associado a uma mística que transcende as definições habituais e abarca todo o sistema de relações da família humana.

Os temas da mística que abordamos neste trabalho, então, não se referem particularmente à relação do fiel com seu Deus, mas partem de minha relação contigo, continuam com minha relação com todos, até chegarem a minha relação com a totalidade do que é.

J.W.

Setembro de 2014

Prólogo

Diante dos conflitos do mundo em que vivemos perguntamo-nos se temos que aceitar e nos adaptar à situação que vivemos ou reagir de alguma forma e, se assim for, qual é a reação mais benéfica para nós e para todos. No entanto, por melhor que seja a resposta que escolhermos para trabalhar sobre os problemas de nossas sociedades, poucas vezes ela solucionará nossos problemas interiores.

Em realidade, não nos satisfaz encontrar saídas que somente nos prometem um mundo melhor; queremos nos aprofundar nos problemas que sofremos. Sentimos a necessidade de nos comprometer para além de fazer isto ou aquilo. Mas esta necessidade se transforma em angústia quando nos perguntamos sobre como nos comprometer. Estamos chegando a duvidar de nossa própria identidade e da autenticidade de nossas atitudes, como se nossa aceitação ou nossa rebeldia não fossem nossas, mas produzidas por um meio que absorve nosso ser e o dilui em uma série de reações automáticas.

Um dos problemas mais graves de nossa época consiste no fato de que nem todos dispomos dos meios adequados às necessidades de nosso desenvolvimento e, quando os temos, é evidente que não os aproveitamos bem. Na prática, somos formados –quando não deformados– pelas circunstâncias; a orientação que recebemos origina-se da situação que ocasionalmente nos cabe viver em nosso ambiente.

Neste trabalho estudamos nossa relação com o meio, a forma em que nossos estados de consciência determinam a relação que temos com o meio e a possibilidade de expandir nossos estados de consciência.

O texto se divide em quatro partes. A primeira parte aborda os estados de consciência. Em vez de tentar a análise dos estados de consciência possíveis, o que suporia uma enumeração arbitrária, delineamos as características básicas daqueles estados de consciências que, a nosso ver, assinalam etapas fundamentais de nosso desenvolvimento.

A segunda parte descreve os matizes de uma atitude interior que nos permite participar, que transcende a dicotomia assimilação-reação, que nos dá liberdade para viver comprometidos sem que nossa participação signifique uma subordinação obscura.

A terceira parte se refere ao processo que costumamos experimentar quando passamos do estado de consciência que chamamos de *positivo* para o que consideramos *negativo*, e descreve como se vivem nessa etapa as ideias expostas nos capítulos anteriores. Intitulamo-la "Da Mística da Renúncia". Mística, porque a expansão interior conduz a um estado de união, primeiro com aqueles que nos rodeiam, depois com todos os seres humanos e, pelo menos idealmente, com tudo o que existe e com Deus. "Da Renúncia", porque entendemos que a renúncia é uma força que torna possível a expansão permanente do estado de consciência.

A última parte aborda aspectos da orientação espiritual. Quando se fala de orientação espiritual costuma-se pensar naquela que o sacerdote transmite aos fiéis de sua Igreja. Neste trabalho procuramos ampliar o conceito de orientação espiritual para além do marco das crenças. Ao desenvolver este tema traçamos as características que, conforme entendemos, seriam convenientes para a orientação que necessitamos para desenvolver-nos.

Mas não somos orientados exclusivamente pelos conselhos que nos podem ser dados em algum momento de nossa vida; recebemos também um ensinamento contínuo do meio. No entanto, se levamos em conta o quanto o meio influi sobre nós, é triste comprovar como atualmente o meio atua de múltiplas maneiras como uma força manipuladora em vez de impulsionar nosso desenvolvimento.

Em realidade, estamos manipulando uns aos outros, porque todos somos o meio.

A questão é esta: é justo manipular?

Quando manipulamos outros não somente os degradamos mas também nos degradamos a nós mesmos. Negamo-nos como seres e nos transformamos em objetos. Não existe solução para os problemas que sofremos quando esta se baseia na degradação de uns pelos outros, ou seja, se a solução que aplicamos consiste em um novo tipo de manipulação. E qualquer manipulação nos transforma em consumidores.

Nossa sociedade é de consumo não porque eventualmente esteja centrada nos bens de consumo, mas porque nos transformou em bens de consumo através da propaganda, da manipulação da informação e de uma mídia que nos instiga em uma direção ou outra, quando não a nos dividir e destruir uns aos outros. Quando buscamos clientes, adeptos ou prosélitos, fazemos

de alguém (um ser humano) um produto do qual nossa causa (pessoal, social, econômica ou religiosa) possa se alimentar.

Se compreendermos melhor os estados de consciência que nos tornam vulneráveis à manipulação, talvez possamos trabalhar de forma conjunta para alcançar uma sociedade mais harmônica e um mundo com paz.

I. DOS ESTADOS DE CONSCIÊNCIA

Estados de Consciência

Quando falamos do ser humano pensamos em um indivíduo genérico e não em uma mulher ou um homem específico. Quando dizemos que uma pessoa é igual a outra, normalmente pensamos que um indivíduo é o mesmo que outro indivíduo. Mas cada um de nós é único. Embora a humanidade seja um todo, cada homem e cada mulher é um indivíduo particular, com um estado de consciência peculiar.

Chamamos estado de consciência à noção que temos de nós mesmos, de nosso entorno e de nossa situação na vida e no mundo.

Quando nos identificamos com o meio, nosso estado de consciência é determinado por esse meio. Nossa noção de ser depende das características –históricas, sociais, culturais e biológicas– do meio em que vivemos. Mas nem a cultura, nem o credo, nem a nacionalidade e nem a raça são bases suficientes para determinar nosso estado de consciência real. É verdade que todas estas características têm importância, que as sucessivas mudanças do meio tendem a provocar outros correlativos em nós, e que quando vivemos em um ambiente desenvolvido estamos em melhores condições para desenvolver nossas possibilidades. Mas enquanto nos identificarmos com o meio em que vivemos, nosso estado de consciência será uma função desse meio; então, as mudanças deste nos afetarão somente superficialmente, e a noção que tivermos de nós mesmos e de nossas circunstâncias não irá variar substancialmente.

Embora o desenvolvimento do meio possa favorecer o desenvolvimento de um estado de consciência identificado com esse meio, não altera necessariamente sua natureza. Poderemos saber mais sobre nós e nosso entorno, mas será difícil que mude o que sentimos e pensamos sobre quem somos e sobre o mundo em que vivemos. Somente quando transcendemos essa identificação se produz um verdadeiro adiantamento em nosso estado de consciência.

Em outras palavras, a natureza de nosso estado de consciência particular é determinada através de sua característica fundamental: se é ou não uma função derivada de nossa identificação com algo exterior a nós mesmos.

O desenvolvimento do estado de consciência tem sido relacionado, tradicionalmente, com o campo da mística. Mas se deixamos de limitar a

mística a um objetivo, de enquadrá-la dentro de uma definição que implica uma teologia e uma filosofia, podemos dar-lhe uma amplitude em que cada um de nós se encontre a si mesmo, compreenda-se a si mesmo, descubra como é, o que lhe acontece e qual é o caminho de seu próprio desenvolvimento.

Para conhecer nosso estado de consciência temos de reconhecer que temos um estado de consciência, e que "um" estado de consciência é temporário e limitado. Somente quando reconhecemos a temporalidade e as limitações de nosso estado de consciência podemos conhecê-lo, e ao conhecer nosso estado de consciência podemos começar a expandi-lo. Esse conhecimento é a base fundamental que, ao mesmo tempo que é o nosso ponto de partida, nos indica a direção de nosso desenvolvimento. E aqui poderíamos nos perguntar o que é desenvolver-nos.

É fato que por meio da instrução, do estudo e da capacitação progredimos em nosso desenvolvimento. Mas é comum que, apesar de tudo o que vamos aprendendo sobre nós e sobre o mundo em que vivemos, não mude fundamentalmente o que pensamos sobre nós mesmos e nosso papel na vida. Por isso, quando falamos aqui de desenvolvimento, não nos referimos somente ao desenvolvimento de nossa capacidade intelectual, artística ou prática, mas ao que chamamos espiritual, por estar relacionado com nossa consciência.

Neste contexto, entendemos que desenvolver-nos espiritualmente significa expandir nosso estado de consciência.

Qual é, então, o estado de consciência do qual temos que partir para começar essa expansão?

Cada indivíduo tem um estado de consciência. Mas se tentássemos nos dividir segundo nossos estados de consciência chegaríamos a classificações arbitrárias; quem pode determinar o estado de consciência de uma pessoa? Além disso, nosso estado de consciência não é homogêneo. Em um momento nos expressamos de uma maneira que permite supor que temos um certo estado de consciência; em outro momento o fazemos segundo as características de um estado de consciência diferente.

Nosso mundo interior também é aparentemente contraditório; nele se manifestam simultaneamente tendências diversas, às vezes opostas, que podem nos levar a pensar que existem em nós diferentes estados de consciência ao mesmo tempo.

Em certo sentido, poderíamos dizer que somos um composto. Mente e coração, razão e paixão, vozes instintivas e chamados espirituais são forças que estão em nós, que lutam por predominar e que nem sempre nos permitem ter uma visão clara do que somos. Não obstante, é possível traçar algumas linhas gerais que ajudam a explicar didaticamente certas etapas de nosso desenvolvimento. A estas etapas também denominamos estados de consciência. Em nosso processo de desenvolvimento espiritual cada etapa é, em realidade, um estado de consciência.

Neste trabalho chamamos *estado de consciência positivo* à etapa na qual desenvolvemos nossa personalidade e nos determinamos nela. Ou seja, fixamos os limites de nossa noção de ser na personalidade que adquirimos, a ponto de identificar essa personalidade com nossa ideia do que somos e de quem somos.

Chamamos positivo ao estado de consciência desta etapa porque sentimos que somos mais quando adicionamos –ou somamos– poder, riqueza, posses, conhecimentos, títulos, habilidades (ou o que consideramos valioso) ao que cremos ser. Nesta etapa sentimos e pensamos que ter mais equivale a ser mais.

No estado de consciência positivo desenvolvemos a mente racional e estruturamos a vida dentro do sistema de pares de opostos: bom ou mau, certo ou errado, ganho ou perda, amigo ou inimigo. E generalizamos estas qualificações como se o que é válido para nós também fosse válido para todos.

Dentro do estado de consciência positivo percorremos –e continuamos a percorrer– um longo caminho. Inicialmente a vida era somente uma expressão do instinto de conservação. Viver era perdurar. O instinto de conservação era, em nós, a manifestação da vontade da natureza. Neste estado de consciência, então, nossa vontade é a vontade da natureza. Amar é obedecer essa vontade. Nossa consciência de ser é apenas incipiente; assenta-se nas expressões comuns à espécie: somos-como-espécie.

Mas para perdurar necessitamos nos defender. A defesa marca tenuamente esse “algo” que defendemos. Esse “algo” somos nós mesmos mais o que constitui a primeira extensão de quem somos: seres ligados a nós, ou coisas como alimento, utensílios e armas.

O instinto de conservação aglutinou os primeiros grupos humanos. O grupo tornou-se família, povo, raça, nação. O crescimento do grupo –o Eu maior–

não significou, no entanto, uma mudança fundamental em nosso estado de consciência. Nem sempre participamos plenamente com a totalidade de um grupo, mas nos identificamos com um grupo na medida em que esse grupo nos serve e nos protege. Isto faz com que o número de pessoas que forma nosso grupo aumente ou diminua conforme as circunstâncias.

Assim, nem sempre amamos a todos no grupo; amamos os que, no momento, consideramos “nosso” grupo. Como o grupo muda de acordo com as situações que temos de enfrentar, podemos trocar nosso amor por ódio, ou vice-versa. Podemos rejeitar hoje a família com a qual antes nos identificávamos, ou o grupo, o povo, o país, a raça. Nossa identificação não é genuína, é de interesses, quer sociais, políticos, ideológicos ou econômicos.

Algumas vezes nossa identificação parece total, como no caso de uma guerra ou de uma perseguição que ameace a sobrevivência de nossa nação, nossa raça, nossa congregação. Mas uma vez passado esse perigo voltamos a reduzir nossa identificação ao grupo pequeno que, dentro de nossa raça, nosso povo, nossa congregação, coincide com nossos interesses. Nossa identificação com o grupo não somente é parcial, mas também superficial e temporária.

À medida que nos defendemos nossa personalidade vai se delineando. Como não temos ainda uma consciência profunda de ser, identificamo-nos com o que defendemos: nosso corpo, nossos pertences, nossa prole, nosso grupo. Somos tudo isso. Ainda não temos personalidade própria. Nesta etapa, a única coisa que é nossa é nosso corpo. Aplicamos nossa vontade, então, à satisfação de tudo o que o corpo nos pede.

A satisfação das necessidades físicas nos leva rapidamente a nos identificar com nosso corpo. Nossa vontade está a serviço de um eu físico. Amar é amar um si mesmo que é, principalmente, um eu físico. A satisfação dos desejos desse eu é a necessidade básica, e sobre ela estruturamos as leis que, para nós, regem a vida. Dessa maneira cada um de nós se torna uma pessoa separada e diferente. Nossa consciência encarna: somos-em-um-corpo. Nossa personalidade adquire limites precisos. As diferenças físicas são as que fazem ressaltar a personalidade própria. Acentua-se a divisão em raças segundo suas características físicas.

Mas ao determinar-nos em uma personalidade ficamos sós. Antes éramos como grupo; agora estamos frente ao grupo. O amor instintivo junta, mas

não une. Buscamos, então, o encontro, a comunicação. A necessidade de compartilhar faz nascer o afeto recíproco, que perdura para além da necessidade física. Aparece o semelhante: outro similar a nós.

O sentido de defesa nos arraiga profundamente na personalidade que adquirimos e fortalecemos; não queremos morrer. Como não podemos evitar nossa morte nos arraigamos na vida através de nossas realizações e de nossos filhos; eles prolongam nossa vida. Arraigamo-nos na posteridade como um modo de projetar-nos para além da morte. Queremos escapar do cárcere do tempo.

Mas o anseio de liberar-nos do tempo é um modo de desejar liberar-nos da personalidade que adquirimos. A personalidade não nos limita somente em um eu, limita-nos também em um tempo determinado: enquanto durar a vida física do eu.

O desejo de liberar-nos de nossas limitações marca o começo da expansão de nosso estado de consciência. Descobrir o outro é expandir o amor.

Quando se descobre o semelhante nasce a caridade, ou seja, a capacidade de sacrificar-nos pelos semelhantes. Sofremos por eles, trabalhamos para eles. Mas a ideia de semelhante implica a de diferente. Assim como protegemos o amigo –ainda que somente em nosso mundo mental e emocional– atacamos e até chegamos a destruir o inimigo.

Quando nos determinamos em uma personalidade, determinamos nossa visão de vida dentro do sistema de pares de opostos: eu e os demais, os semelhantes e os diferentes. Nossa caridade é o movimento incipiente do amor expansivo, mas ainda não conseguimos compreender todos os seres humanos como semelhantes ou, dito de outra forma, sentir-nos como parte indivisível de toda a humanidade.

Nossa consciência se expandiu, mas abrange apenas uma existência vista através da visão dualista, na qual o bem e o mal encarnam em um mundo de bons e de maus. Ainda não conseguimos conceber a compaixão a não ser somente para os bons. Nossa concepção de Deus é semelhante a do Deus dos Exércitos que protege os bons, entre os quais nos incluímos, e destrói, ou deveria destruir, os maus.

O estado de consciência positivo nos permitiu a conquista da natureza e a possibilidade de sair para o espaço. Mas também desenvolveu nossa capacidade de destruir. Deu-nos asas materiais, mas não nos ensinou a voar

interiormente. Podemos escapar do mundo terrestre e sair para o cosmo com nossas naves espaciais, mas não conseguimos transcender facilmente nossa angústia e nossos problemas interiores, nem encontrar a saída do círculo vicioso dos problemas criados pelo nosso próprio progresso.

Mas o amor é como uma flor que, quando começa a se abrir, continua a se expandir até mostrar toda sua beleza e exalar todo seu perfume. O amor é a porta que nos leva a transcender o estado de consciência positivo.

Quando nosso amor deixa de pedir começa a mística.

Deixar de pedir é deixar de esperar que se cumpram nossos desejos, deixar de perseguir objetivos limitados a nossos interesses particulares. Mas, nesta etapa, amar sem perseguir algo através do amor é uma renúncia para a personalidade que adquirimos, porque essa personalidade expressa separatividade. Devido a nossa atitude positiva não compreendemos que, se depois disso não renunciarmos aos limites particulares nos quais nos determinamos, não expandiremos nossa consciência.

A expansão produzida pela renúncia aos limites nos quais circunscrevemos nossa consciência é de uma natureza diferente da expansão positiva que estávamos acostumados a experimentar quando somente agregamos algo ao que sentimos que somos. Já não é um aumento de alguma medida de nossa personalidade, mas uma expansão da noção que temos de nós mesmos.

Chamamos *negativa* esta expansão de nosso estado de consciência, porque não encontramos outra palavra melhor para designar uma expansão que não é positiva. A expansão positiva é um aumento em extensão, uma adição: mais pessoas, mais bens, mais poder, mais território, mais espaço para a extensão de nosso mundo particular. A expansão negativa, por sua vez, é interior, em profundidade; é uma espiritualização de nosso estado de consciência.

Quando transcendemos a representação dualista da existência, nosso amor se expande interiormente até abarcar em nós tudo o que sabemos que existe. Ele se transforma em *participação*.

Até agora, amar significava um movimento: algo que partia de nós, algo que chegava a nós. Participação, por sua vez, é identificação interior. Os seres vivem em nós. A comunicação deixa de ser somente um movimento e se estabelece pela expansão da consciência de ser. Ser é ser em todos.

Por outro lado, quando nos expandimos podemos descrever nossa vida como Presença. Já não vivemos saltando de experiência em experiência. Nossa consciência de ser se arraiga no instante presente, que é o único contato com o fluir da vida. E se mantém presente em nós tudo o que existe na vida, de acordo com nossa percepção.

Cada um de nós tem um estado de consciência. Dentro de nosso estado de consciência há muitas possibilidades que, quando são realizadas, nos proporcionam o conhecimento do campo que abarcamos com nosso estado de consciência. Mas nos desenvolvemos realmente quando expandimos nosso estado de consciência.

Amar a Deus

Sempre demos grande importância ao que cada um crê e, conseqüentemente, nos dividimos segundo nossas crenças. Não obstante, desde o ponto de vista de nosso estado de consciência, consideramos que talvez seja mais importante *como* cremos e não *em que* cremos. Ou seja, quão aberta ou fechada é nossa maneira de crer.

Podemos dizer que cremos em Deus e que desejamos o bem de todos os seres. Mas, dependendo de nosso estado de consciência, crer em Deus e amar a todos pode significar abnegação e oferenda, ou destruição e morte.

Deus não significa o mesmo para todos. Um indivíduo pode não querer limitar-se dentro da ideia que outro tem de Deus. Isto não significa que não crê em Deus, mas que sua visão interior lhe oferece uma compreensão ou intuição do divino que, para ele, é mais profunda –ou diferente–.

Cada estado de consciência determina uma visão particular da vida, do mundo e também de Deus. Estas diferenças podem ser compreendidas a partir de um estado de consciência que consiga abarcar as diferentes visões particulares. Neste caso, não tentamos buscar harmonia conciliando opiniões díspares das diferentes crenças, mas procuramos situá-las em relação com a amplitude, as características e as possibilidades de cada estado de consciência.

Por mais nobre e espiritual que seja a mensagem espiritual que nos é transmitida, cada um a compreende de acordo com seu estado de consciência. Pode ser que a entendamos de forma vaga, difusa, que a única coisa que consigamos ver com clareza seja o passo imediato em nosso desenvolvimento, o esforço que nos permita ampliar nosso estado de consciência.

Não há acrobacias no processo de expansão de nosso estado de consciência. Cada um avança passo a passo, por etapas, nesse processo.

O amor a Deus não é próprio de um só estado de consciência. Ele é a força espiritual que nos impele continuamente para que expandamos nosso estado de consciência, e se manifesta com características diferentes à medida que passamos de um estado de consciência para outro mais amplo. Em nossas primeiras etapas Deus era o Grande Chefe que nos ajudava a encontrar alimento, sobreviver ao ataque das feras ou das doenças, destruir as tribos

inimigas. Nas etapas mais avançadas podemos nos referir a Deus como o supremo amor ao qual nos unimos através da oferenda e da renúncia a nós mesmos.

À primeira vista, a descrição dos sucessivos modos de amar poderia nos levar a supor que o adiantamento consiste em amar um número cada vez maior de pessoas, e que isto se refletiria em um novo estado de consciência.

Amar mais é sempre um adiantamento, mas não significa necessariamente uma mudança no estado de consciência. Em cada estado sucessivo de consciência se desenvolve a natureza do amor. Amar a outro, além de amar-se a si mesmo, é bom; mas o amor a outro, ou a muitos, pode ser somente uma outra maneira de amar-se a si mesmo.

Amar a todos não consiste, então, em amar-se a si mesmo, mais amar a outro, mais outro e mais outro. Somente amamos a todos quando não existe "outro". Este é um novo estado de consciência, um novo amor.

Alguns de nós pensamos que conseguiremos expandir nosso estado de consciência se experimentarmos estados de consciência diferentes daquele que é habitual em nós. Há várias maneiras de fazer experiências em outros estados de consciência. Mas, após essas experiências, a maioria não sabe o que fazer em seu próprio estado de consciência.

Outros buscaram o êxtase como se este fosse a liberação, e alguns guias espirituais somente ensinam métodos que poderiam conduzir eventualmente a um êxtase ou a uma experiência *extra-ordinária*.

O êxtase é a experiência momentânea de um certo estado de consciência; mas não é possível viver em um êxtase permanente. Em nosso entender, o êxtase representa somente uma dentre as experiências possíveis para nós.

Fazer do êxtase o objetivo da vida espiritual seria reduzir a vida a uma preparação para uma experiência. Além disso, a ideia de que o êxtase é a culminação do desenvolvimento humano induziu frequentemente a confundir o significado da vida espiritual, quer porque não se aceitou o êxtase como uma possibilidade real, quer porque se o entendeu como a mais alta possibilidade. Por isso consideramos que, no processo de nosso desenvolvimento, é prudente afastar-nos do caminho das experiências psíquicas e concentrar-nos na tarefa de ampliar nossa visão da vida e do mundo, de aprofundar nosso sentido de participação, para estimular a expansão de nossa consciência.

Estar em um estado de consciência não significa ter superado os anteriores, se por superar se entende que já não há mais rastros deles. Todos os passos que damos deixam uma pegada em nós.

Ao longo de nossa história, cada estado de consciência representou, em seu momento, uma realização alcançada depois de longos anos de experiências, com grande esforço e sofrimento. Cada estado de consciência foi um marco do desenvolvimento humano. E deixou sua marca.

Atualmente não nos expressamos como se todos tivéssemos um estado de consciência único e definido. Nós nos manifestamos como um composto no qual se enfrentam estados de consciência passados, às vezes entre si, às vezes contra a possibilidade de um desenvolvimento que signifique alcançar um estado de consciência mais expandido.

Também não nos expressamos sempre da mesma maneira; fazemo-lo segundo o estado de consciência que prepondera em nós em cada momento. Mas sempre permanece vivo em nosso interior o anseio de alcançar um amor que nos leve para um estado de consciência mais amplo. Nossas conquistas podem ter sido maravilhosas e nossas satisfações profundas. Mas o anseio por algo que nos transcenda nos faz sentir insatisfeitos com o que somos e com o que alcançamos.

Ao mesmo tempo, a memória inconsciente das etapas percorridas nos chama de volta, a voltar a viver experiências passadas. Mas o que em determinado momento foi um avanço para nós, agora seria um retrocesso.

Assim como a expansão de nosso estado nos leva a transcender o sistema de pares de opostos, a resgatar a visão da vida e do indivíduo das caixas do bem e do mal absolutos, essa liberdade teria que traduzir-se, por um lado, em uma adequação progressiva de nossa conduta a essa expansão e, por outro, em dar um alcance cada vez mais elevado a nossa ideia do bem e do que é responsável fazer.

Na medida em que avançamos em nosso desenvolvimento espiritual perdemos, aparentemente, a liberdade de fazer aquilo que em uma etapa anterior nos parecia lícito. A elevação contínua da ideia do bem parece restringir paulatinamente nosso campo de ação, mas não é assim; ao contrário, protege-nos de nossa tendência a retroceder, a repetir inutilmente experiências terminadas. Ao fechar a porta atrás de nós, nos impulsiona rumo a um estado de consciência mais expandido.

Os problemas pessoais, os conflitos sociais derivados das relações humanas, raramente têm solução se não os trasladamos para um contexto maior do que aquele que os gera. *É inútil buscar soluções para problemas que são gerados por um estado de consciência, se essas soluções são criadas com a mentalidade própria desse mesmo estado de consciência.* O único caminho possível é expandir o estado de consciência para um mais amplo, no qual os problemas sejam compreendidos de uma maneira mais profunda e universal.

Nosso trabalho fundamental é, então, aprender a expandir nosso estado de consciência.

Alguns pensam que este trabalho deve ser feito de fora para dentro, através de uma mudança de sistema que proporcione uma nova visão da sociedade e de seus problemas. Mas todo trabalho exterior é insuficiente se cada um de nós não trabalha voluntária e livremente sobre si mesmo, em seu mundo interior.

Não podemos depender somente do que recebemos de fora ou do que os outros nos dizem para fazer –ou que estamos obrigados a fazer– para avançar em nosso desenvolvimento. O respeito pela liberdade individual é imprescindível para que o desenvolvimento espiritual seja possível. Sem esse respeito à própria liberdade não conseguiremos desenvolver nossa responsabilidade nem nos desenvolver além de um certo limite. A coerção, em vez de aumentar a responsabilidade, produz a rejeição da obrigação imposta.

Enquanto não sentirmos como um imperativo interior o que devemos fazer, não conseguiremos transcender nossos problemas, ser responsáveis, realizar nossas possibilidades interiores. Embora necessitemos orientações e ideias orientadoras, a coação impede o desenvolvimento da responsabilidade.

Por outro lado, é improvável que por nós mesmos, sem ajuda alguma, possamos avançar em nosso desenvolvimento tanto quanto ansiamos. Necessitamos uma orientação, mas esta deve ser extremamente prudente, equilibrada e sábia. Assim como o fato de alguém desejar se desenvolver não é suficiente para que o consiga, também não basta repetir para alguém que deve mudar para que mude.

Poucas vezes o limitar-se a dizer a outro o que deve fazer deu um bom resultado. Isto conduziu à necessidade de vigiá-lo para que o faça, e

geralmente terminou em um regime de sanções para castigá-lo quando não o faz.

Como cada um considera habitualmente que suas crenças e suas ideias são melhores, ou pelo menos mais corretas, que as dos demais, normalmente tenta impô-las pela persuasão ou pela força; deseja que sejam reconhecidas e aceitas por todos. Isto seria confundir universalidade com hegemonia, ou com a concordância de uma maioria, ou com um grande número de aderentes, crentes ou simpatizantes.

Uma ideia ou crença não é mais universal porque um maior número de pessoas a professa. A quantidade de aderentes não determina sua natureza. A universalidade de uma ideia depende de seu alcance *como ideia*, do âmbito sobre o qual se projeta e da natureza do meio que lhe serve de referência. Por outro lado, ainda que uma ideia em si seja universal, ela sempre se expressa através de seres humanos. Assim, o alcance de uma ideia depende também do grau de universalidade daqueles que a expõem ou transmitem.

Quando nossa atitude é possessiva –quando nossas ideias ou crenças são nossas– não conseguimos compreender uma ideia universal. Com essa atitude, o importante para nós não é o bem e o avanço do ser humano, mas que nossa crença se imponha. Nossa atitude possessiva faz do ser humano um objeto que temos de convencer ou converter; mas, ao mesmo tempo, nós também nos tornamos objetos de nossa própria crença.

Por esta razão, é comum que nossos sistemas de ideias e de crenças sejam possessivos, mas não porque algum deles não seja em si mesmo universal, mas porque normalmente os expressamos com intenção e atitude possessivas.

Enquanto dermos um alcance pessoal às ideias que professamos não chegaremos a compreender nem uma ideia universal nem ideias diferentes das nossas. E quando não as compreendemos, nossa tendência natural é suspeitar de toda ideia que transcenda o âmbito de nossas crenças.

Mas à medida que ampliamos nosso estado de consciência vamos dando um sentido também mais universal a nossas ideias. Isto nos permite compreender as diferentes atitudes das pessoas no que se refere a suas crenças e também nossa própria atitude para com as nossas; é assim que aprofundamos nossa fé e ampliamos nossa consciência, o que nos permite sentir uma grande expansão interior: alcançamos uma visão mais completa do mundo e da vida, re-descobrimos os seres e o meio. Essa experiência

nos dá uma grande plenitude interior e uma maneira mais inclusiva e profunda de pensar, de sentir e de viver o amor e, é claro, o amor à liberdade interior e o amor a Deus.

Mas uma realização não é a realização última; é somente uma etapa cumprida. Embora para nós uma etapa cumprida seja de fato uma realização, nosso caminho não acaba ali. Além de pensarmos em uma realização final, temos que desenvolver também um conceito dinâmico da realização. Cada final é um novo começo.

A passagem de um estado de consciência para outro mais amplo implica transformações de fundo com crises, lutas e dores; isto é evidente ao longo da história humana. No entanto, nem todos os conflitos sofridos significam sempre uma mudança fundamental no estado de consciência. Para compreender um momento do desenvolvimento humano é preciso discernir se seus problemas são gerados por seu estado de consciência, ou revelam a crise produzida por uma mudança em seu estado de consciência.

O desenvolvimento espiritual do ser humano não é uma experiência particular; a vocação espiritual tampouco é a inclinação de certo tipo de pessoas. Nós nos desenvolvemos segundo uma linha que, em termos gerais, é comum a todos, a qual marca o desenvolvimento expansivo de nosso estado de consciência. Quando compreendemos esse processo de expansão compreendemos também que o desenvolvimento humano tem uma direção definida. Esta compreensão clarifica a ideia do que é desejável para nós e nos permite dar a nossa vida uma orientação consistente com as melhores possibilidades humanas. A expansão de nossa consciência significa, então, uma participação e responsabilidade crescentes. E essa expansão não tem limites.

Como também não tem limites o amor a Deus.

Positivo e Negativo

Na linguagem corrente damos às palavras positivo e negativo uma acepção semelhante à de bom e mau, desejável e indesejável, avanço e retrocesso. Neste texto as empregamos para descrever as atitudes interiores diferentes que determinam duas relações distintas entre nós e os seres, as coisas, as metas. Da mesma forma, definem dois tipos de posse e de objetivos.

Denominamos *esforço positivo* à aplicação da energia sobre um objetivo determinado para obter um resultado desejado. Serve para adquirir conhecimentos, melhorar a produção, elevar o nível de vida, conservar a saúde, desenvolver sensibilidade, habilidades práticas e cognitivas. Serve também para ganhar dinheiro e para fazer amizades. O esforço positivo é a expressão da vontade pessoal que nos permite subsistir, progredir e nos relacionar com o meio.

Mas não nos serve para ser sermos felizes, para ter paz interior.

Por meio do esforço positivo podemos nos controlar, mas não desenvolver nosso estado de consciência de forma significativa.

O esforço positivo é eficaz para adquirir bens exteriores a nós –materiais, intelectuais– que enriquecem nossa personalidade por adição. Cada conquista aumenta nossos haveres particulares.

A humanidade avançou, e continua avançando, através do esforço positivo. Com este tipo de esforço conseguimos nos comunicar melhor e de forma mais rápida uns com os outros, mas não necessariamente compreendê-los nem nos compreender.

O esforço positivo é indispensável para viver e desenvolver-nos materialmente. Também é indispensável para desenvolver-nos espiritualmente. Mas, se não o entendemos corretamente, pode ser um obstáculo em nosso desenvolvimento em vez de ser a ferramenta que deveria ser.

A atitude interior positiva nos leva a identificar-nos com nossos atributos e nos determina, ou confina, neles. Estes atributos podem ser de nossa mente –inteligência, imaginação, conhecimentos, habilidades intelectuais–, de nossa sensibilidade, de nosso corpo, de nós como pessoas com direitos, deveres, privilégios e posses. Em termos positivos, enriquecimento é avanço.

Consequentemente, nossa finalidade dentro de uma concepção positiva de nós mesmos e de nossas vidas é ter mais. Ter mais é nossa maneira de ser mais; perder, então, seria ser menos.

No aspecto espiritual, dentro de uma concepção positiva renunciar significaria uma perda que somente teria sentido se fosse compensada com um ganho maior. Ou seja, se renunciar servisse para ganhar algo que não pudéssemos ter de outra maneira. Nossos esforços, inclusive para renunciar, unicamente teriam sentido se se convertessem em nosso enriquecimento pessoal.

A pergunta clássica da atitude positiva é “o que ganho com isso?” O ganho deve ser algo que possamos avaliar positivamente e, sobretudo, possuir pessoalmente. “Se deixo algo é para ganhar muito mais do que deixo. Se não, para que deixá-lo?”

Quando nos determinamos¹ ao nos identificar de forma positiva com nossos atributos, somente sabemos viver fazendo. Neste contexto, para nós viver é fazer. Fazer é fazer algo, e fazer algo para obter algo.

Fazer é um atributo do ser. Quando identificamos a vida com um fazer, será difícil que consigamos conhecer a vida. Enquanto temos muito para fazer, pressupomos tacitamente que o descobrimento do ser virá depois de forma espontânea. Mas à medida que nosso saber aumenta, a incógnita do ser se faz cada vez mais evidente para nós e desperta nossa angústia. Então nos perguntamos novamente: “O que tenho que fazer?”

Ser.

¹ *Determinar* é usado para expressar a limitação produzida por uma identificação positiva. Quando determinamos a vida em nossa vida, reduzimos a existência a nossa vida pessoal. Quando determinamos a vida em ações, a assemelhamos a uma sucessão de ações. Reduzimo-nos como ser quando nos limitamos em ações que são somente uma expressão de nossos atributos mas não são nosso ser. Quando determinamos nossa vida em ações, determinamos também a visão que temos de nós mesmos e das pessoas. Embora, naturalmente, saibamos o que as demais pessoas sentem e pensam, nossa visão delas é a de pessoas que fazem algo. Além disso, a determinação implica uma redução da consciência. Quando nos determinamos dentro de um sistema de crenças ou de ideias não temos consciência de nosso próprio pensamento. Quando nos expressamos, não somos nós quem se expressa; é o sistema de ideias ou crenças quem o faz através de nós, e nós operamos apenas com um agente. Quando nos determinamos não nos comunicamos com indivíduos, não nos conhecemos verdadeiramente; transformamo-nos em agentes através dos quais se expressam as crenças em que estamos determinados. Quando nos determinamos, todas as nossas manifestações se subordinam a nossa determinação. Obviamente, embora nos determinemos em ações, não deixamos de pensar e de sentir, mas todas as nossas expressões, inclusive o nosso sentir e nosso pensar, são expressões de nossa determinação fundamental. Diante de qualquer situação nossa reação é “o que tenho que fazer?”. Ou seja, nossa expressão é sempre operativa.

É certo que não podemos deixar de agir de forma positiva; sempre estamos fazendo algo. Mas não somos uma sucessão de ações nem um conjunto de atributos. Para terminar com a identificação positiva não podemos fazer um novo esforço; um esforço negativo não é possível. Todo esforço é positivo. Para não nos identificarmos com o que fazemos, temos ou conseguimos não necessitamos de um esforço a mais ou de um esforço diferente do usual, mas uma nova atitude interior, a qual chamamos de negativa.

É, em outras palavras, uma atitude de não posse.

A posse pessoal, por ser extrínseca –ter implica possuir algo diferente do que sou; dizemos *eu* tenho *algo*– leva a uma identificação positiva, uma vez que minha noção de ser e de valer inclui o que tenho ou ganhei. E esta identificação determina nosso estado de consciência dentro de limites contingentes. Ou seja, limites que variam de acordo com o que tenho, ganho ou perco.

A expansão espiritual não é possível com uma atitude interior positiva. A única expansão seria aquela produzida pelo aumento de nossos atributos, uma expansão por adição: mais bens, mais conhecimentos, mais capacidades, mais experiências.

A expansão espiritual é participação interior, e somente é possível quando já transcendemos o sentido de posse pessoal. Ou seja, a ideia de ser totalmente dono de algo, uma ideia que sempre vem associada com o risco de perder aquilo de que nos sentimos donos e com a necessidade de protegê-lo e preservá-lo. Além disso, costumamos pensar que por sermos donos podemos dispor à vontade daquilo que cremos ser nosso. Como os bens interiores não são usufruídos dessa maneira, é comum que não os consideremos como uma posse efetiva, quando é, de fato, a única que não podemos perder. Quem poderia reduzir o contexto que abarcamos em nossa consciência, arrebatar-nos o que compreendemos ou diminuir nosso amor?

O esforço positivo produz nosso desenvolvimento espiritual quando o acompanhamos por uma atitude interior negativa, de não posse. Dessa maneira, nossa entrega ao objetivo que dá sentido a nossa vida não se reduz às ações particulares ou renúncias que efetuamos para consegui-lo.

Crescimento e Desenvolvimento

Quando começamos uma nova etapa em nosso desenvolvimento espiritual temos muito para fazer. Estudamos, nos exercitamos, adquirimos hábitos, descobrimos horizontes. Durante o primeiro período, de aprendizagem, sentimos que avançamos. Aprender, praticar, é nosso modo de progredir. Cada novo conhecimento nos faz sentir mais seguros, confirma que estamos avançando. Mas sempre chega o momento em que pouco nos resta por aprender. Já conhecemos as linhas gerais de nosso caminho, seus princípios e suas práticas. Então começamos a experimentar uma nova sensação; ficamos com a impressão de que não avançamos como antes, que paramos. Gostaríamos de continuar sentindo que progredimos como no princípio, mas não sabemos como. Já estudamos, já praticamos; que mais podemos fazer?

Fazer as malas é preparar-se para a viagem, mas não é viajar. Não confundamos crescimento com desenvolvimento.

Somar conhecimentos, aprender exercícios, não implica uma mudança fundamental em nosso estado de consciência. No máximo, nos predispõem a mudá-la. Quando descobrimos nossa vocação e estamos dispostos a cumpri-la, adotamos um método, começamos uma prática, estudamos, trabalhamos. Aprendemos muito. Mas nosso objetivo não é somente aprender; ansiamos expandir nossa consciência. Para alcançar essa expansão, é bom que compreendamos que realizaremos nossa vocação não somente através de estudos e práticas, mas através de nossa vida. Uma vez que aprendemos a andar por nosso caminho, devemos percorrê-lo.

Percorrer o caminho é algo diferente do que fizemos até esse momento. Uma coisa é aprender a caminhar e outra, caminhar. Enquanto aprendemos, o objetivo é manter-nos de pé e dar um passo depois do outro. Mas quando já sabemos caminhar vamos para algum lugar. Isto não significa que nesse momento tenhamos que abandonar nosso método, os exercícios ou os estudos, mas se nos limitamos a praticar e a entender superficialmente, sem usar o que sabemos para ampliar nossa maneira de entender e de nos entender, certamente nos sentiremos estancados.

Tudo o que estudamos e praticamos deve nos servir para que reconheçamos² nosso estado de consciência e, dessa maneira, tenhamos a base que necessitamos para expandi-lo. Conhecer o próprio estado de consciência é nosso ponto de partida. Dali em diante nosso desenvolvimento exige de nós um esforço de natureza diferente daquele que aplicamos no estudo ou nos exercícios. Ele nos pede um esforço interior.

Os conhecimentos e os exercícios não são fins em si mesmos, e quando não os usamos para aprender a viver e a expandir nosso estado de consciência, nossa sensação de frustração e estancamento aumentam. É lógico que seja assim: seu objetivo é despertar nossa consciência para nos ajudar a reconhecer o que somos e o lugar que ocupamos na vida. Mas somos nós que temos que escolher conscientemente o que vamos fazer com nossa vida, e fazê-lo.

Crescer em coisas, experiências, saberes, é aumento quantitativo; desenvolvimento, em contrapartida, implica uma mudança qualitativa.

Quando confundimos essa expansão com crescimento buscamos novos textos, novos exercícios e, talvez, novos caminhos. Vamos encontrá-los. Mas todos os caminhos levam ao mesmo ponto; uma vez que os conhecemos nos encontramos novamente com nós mesmos, perguntando-nos o que fazer dali em diante. Se almejamos ardentemente nosso desenvolvimento espiritual necessitamos compreender que nós somos nosso próprio instrumento.

O crescimento nos dá poder; é aumento de força, de conhecimentos, de experiências. Mas chega um momento em que o crescimento para e começa o declínio. Quando nos identificamos positivamente com o poder –qualquer tipo de poder– que o crescimento nos proporcionou, pretendemos evitar o declínio retendo a todo custo o poder que, inevitavelmente, se nos escapa de nossas mãos uma vez que, quando não nos é tirado pelos outros, vai sendo tirado pela vida. Quando não compreendemos a natureza desse poder, que é somente um dos sinais visíveis do crescimento, quando o confundimos com um valor intrínseco e nos identificamos possessivamente com ele, o usufruímos de forma pessoal. O usufruto pessoal, embora em

² *Reconhecer* é aceitar, examinar exaustivamente, voltar a conhecer. Quando aceitamos que estamos em *um* estado de consciência termina nossa identificação positiva com esse estado de consciência. Quando aceitamos nosso estado de consciência somente como *um* estado de consciência, podemos reconhecê-lo e desenvolvê-lo. Esta possibilidade situa nosso desenvolvimento em relação com nosso ser e não com nossos atributos –sensibilidade, inteligência, capacidades, posição na sociedade–.

algum momento possa parecer o exercício real do poder, é perda de poder. Quando o poder alcançado através do crescimento não é empregado para produzir uma mudança qualitativa, degenera e precipita o declínio e o fim.

Embora não possamos evitar o declínio físico, podemos, contudo, liberar nosso desenvolvimento espiritual do par crescimento-declínio. Podemos conseguir isso através da compreensão e da prática da renúncia a nossa identificação positiva com o que adquirimos –bens, capacidades, realizações– e com a personalidade que criamos para definir nossa identidade.

O crescimento está condicionado por um campo limitado de possibilidades. A renúncia a nos identificar com o que nesse campo associamos com nossa noção de ser nos permite transcender a limitação deste campo.

Durante a etapa do crescimento o movimento é positivo. Quando o crescimento culmina na realização de nossos objetivos, a compreensão e a prática da renúncia nos permitem inverter o movimento positivo em um movimento negativo. Desta maneira, em vez de prosseguir o ciclo segundo a linha descendente da decadência, a realização que alcançamos é resumida em uma compreensão que transcende o fruto pessoal das realizações, capacidades ou aptidões que obtivemos.

A renúncia à identificação positiva com o fruto de nossos esforços expande nosso estado de consciência; a compreensão das etapas que percorremos assume uma dimensão mais universal. Esta experiência torna-se a base de outra etapa de nosso desenvolvimento.

Dentro de um estado de consciência avançamos de acordo com o que poderíamos entender como uma linha de crescimento, até que esgotamos as possibilidades próprias desse estado de consciência. Nesse ponto, necessitamos produzir uma mudança de natureza diferente, ou seja, uma expansão do estado de consciência que nos abra um novo campo de possibilidades.

A renúncia à posse positiva transforma uma conquista extrínseca em uma conquista intrínseca, resume as experiências feitas em uma tomada de consciência que amplia o contexto da noção de ser e evita a cristalização que o usufruto do pessoal do poder alcançado sempre produz. A partir dali novas possibilidades de crescimento se abrem.

Em outras palavras: embora a realização de um campo determinado de possibilidades seja um progresso evidente, para que esse progresso não se reduza somente à porção ascendente de uma linha que sempre termina em um estancamento ou em uma descida, deve conduzir-nos para um novo campo de possibilidades. Podemos imaginar um diagrama em que o esforço positivo que permitiu a realização das possibilidades na porção ascendente deve transformar-se em um estado interior negativo –renúncia– no topo da linha de crescimento. Desta maneira nossas conquistas se integram substancialmente a nossa noção de ser e temos assim a liberdade necessária para descobrir e realizar o novo campo que, nesse momento, representa nossas possibilidades reais.

A inversão da atitude positiva em outra negativa exige de nós um esforço *extra-ordinário*. Para alcançar a liberdade de poder continuar nosso desenvolvimento espiritual sem interrupções não necessitamos fazer um esforço maior que o positivo, mas um ato de outra natureza: simplesmente renunciar, cortar o laço que nos sujeita ao que cremos haver alcançado.

Na linguagem da mística essa renúncia se chama oferenda. Para que essa oferenda seja realmente uma renúncia ela não deve assentar-se na esperança de recompensas futuras; ganhar é o que nos move no estado de consciência positivo. Quando nos oferendamos impulsionados pela força do amor, essa oferenda nos move a dar-nos a nós mesmos sem pedir algo em troca, sem esperar. Isto nos permite manter-nos como testemunhas do movimento expansivo de nossa consciência.

No estado de consciência positivo dar o que possuímos equivale a dar o que somos. Em realidade, o que damos quando renunciamos é a carga já inútil das experiências que não necessitamos repetir; deixamos a bagagem aderida pelas circunstâncias vividas. Ao integrar a nós somente a experiência pura e simples, livre do que é acessório, do anedótico, podemos compreender integralmente nossas experiências passadas. Essa compreensão expande o sentido de participação e aprofunda a noção de ser. Esta expansão do nosso estado de consciência nos revela novas possibilidades que antes, obviamente, não suspeitávamos que existiam para nós.

Esta expansão é, para nós, como um novo nascimento.

II. DAS VIRTUDES NEGATIVAS

As Virtudes Negativas

Chamamos de virtudes as qualidades que consideramos boas em nós ou que são apreciadas como corretas segundo a moral do meio em que vivemos. Estas não se limitam às que encontramos na fé que professamos, já que nos acostumamos a considerar como virtudes aquelas ações ou atitudes que ressaltam nossa figura perante os demais ou as daqueles que fazem algo que, embora consideremos admirável, nem sempre nos atreveríamos ou poderíamos fazer.

Segundo as qualidades que temos, nosso comportamento produz diferentes efeitos em nós e naqueles que nos rodeiam. Por exemplo, a coragem, a audácia, o destemor, a sagacidade nos negócios, a capacidade de vencer aqueles que se opõem a nossos propósitos, são qualidades que realçam nossa imagem perante os demais, qualidades que são admiradas e, às vezes, até mesmo invejadas. Chamamo-las de *positivas* porque somam méritos, tanto ao que cremos que somos como também ao que outros creem que valem.

Em contrapartida, a paciência, a aceitação, a abnegação, a capacidade de dialogar, de aceitar o diferente, de incluir, de ter empatia e de participar com quem não compartilha nossa crença ou nos combate, mais que ações são atitudes que raramente nos dão brilho e até podem dar origem a críticas, dependendo do caso. Dizemos que estas qualidades são *negativas* porque em vez de realçar nossa imagem, tendem a torná-la menos relevante no cenário social.

Mas esta explicação não é suficiente para descrevê-las, já que a base da distinção entre as virtudes positivas e negativas não é a forma em que são praticadas, mas a atitude que as produz. Em realidade, teríamos que dizer que é nossa atitude que pode transformar uma virtude positiva em uma negativa e, também, que pode converter nosso esforço para nos desenvolver em um estado que, neste texto, chamamos negativo. Esta atitude é o estado interior de renúncia que nos leva a lutar por um bem positivo como se este fosse a coisa mais importante para nós, enquanto que intimamente não o cobiçamos nem o procuramos para nos enriquecer espiritualmente.

Certamente a prática de qualquer virtude é louvável, e cada uma tem seu valor em nossa vida, mas o efeito que produz em nós não é o mesmo quando essa virtude é positiva que quando é negativa.

A prática de virtudes positivas nos ajuda a abrir caminho na vida e fortalece a imagem que temos de nós mesmos, mas também torna difícil para nós aceitar nossas limitações ou nossa ignorância. E este tipo de atitude fechada na forma em que nos vemos a nós mesmos dificulta nosso desenvolvimento.

Pelo contrário, a prática das virtudes negativas nos abre caminho não somente no conhecimento de nós mesmos mas também na visão que temos de nós, dos demais, do mundo e da vida que vivemos. Por isso pensamos que a prática das virtudes negativas nos leva a aprofundar o significado daquilo que habitualmente entendemos como virtude. Estas virtudes não são somente ações mas estados interiores que expressamos em ações.

Deste ponto de vista, a virtude negativa é a interiorização do significado que damos ao conceito de virtude e a espiritualização do significado que damos à ideia de bem, ou de fazer o bem.

Por outro lado, as virtudes negativas são antes estados místicos que esforços ascéticos. Ou seja, estados interiores que poderíamos definir como de “união com a vida”, porque não rejeitamos o sofrimento causado pelo infortúnio, ou o esforço que a persistência na adversidade exige. E também podemos dizer que são estados de união com cada ser humano, estejam próximos ou longe, sejam amigos ou se mostrem contrários a nós, porque nos abrimos para escutar, compartilhar, sentir o que sentem e compreender o que pensam.

A prática das virtudes negativas não depende exclusivamente de uma exercitação interior; vivemos de acordo com o que vai sendo realidade em nosso interior. Quando essas virtudes se tornam naturais em nós, nossa vida exterior expressa, de forma espontânea, nossa responsabilidade, nosso autodomínio, nossa paciência, nossa aceitação, nossa participação, nossa renúncia. Em outras palavras, nossas virtudes visíveis são a consequência de nossa mística inclusiva e unitiva.

É claro que não alcançamos essa mística somente porque a almejamos. Se menosprezássemos a prática positiva das virtudes por buscar unicamente os estados interiores que produzem espontaneamente a virtude, não teríamos onde apoiar-nos. Alcançamos um estado interior negativo através da prática positiva do autodomínio, das virtudes e de renúncias. Mas, ao basear a

prática exterior na renúncia interior, não continuamos acumulando as conquistas, nem mesmo as espirituais, que conseguimos com nossos esforços. Desta maneira, descobrimos rapidamente o meio interior no qual desenvolvemos nossa mística.

Responsabilidade, aceitação, paciência, o sentido de não posse, são somente algumas facetas de um mesmo estado espiritual: nossa participação expansiva.

Responsabilidade

Alguns de nós, descontentes com o mundo em que vivemos, nos desinteressamos dele. Outros, sem estar descontentes, também se desinteressam.

Há muitos modos de não tomar parte do mundo em que vivemos. Por exemplo, autoexcluir-se, afastando-se da sociedade e suas regras; ignorar a sociedade com suas regras; obedecer, em aparência, todas as regras, mas extraindo do meio os maiores benefícios possíveis, sem contribuir com nada mais que o mínimo inevitável. Este último modo é o mais cômodo; a sociedade julga segundo as aparências. Ninguém sabe quanto alguém contribui fora do estabelecido, a não ser ele mesmo.

Em realidade, cada um de nós contribui conforme o grau de sua responsabilidade.

É comum medir a responsabilidade de acordo com a escrupulosidade com que se cumprem as obrigações exteriores. Mas tal avaliação somente revela um aspecto superficial da responsabilidade. Responder de acordo com o que o meio espera ou exige de nós é dar um alcance muito limitado à responsabilidade já que, por um lado, esperamos o máximo que a sociedade possa nos dar e, por outro, sentimos que não devemos à sociedade nada mais além de pagar seus impostos e cumprir suas normas.

Nossa contribuição se torna completa quando dar se transforma em dar-nos, e quando o meio ao qual nos damos excede os limites reduzidos do raio em que vivemos até alcançar os contornos do mundo no qual existimos.

* * *

Costumamos medir nosso avanço espiritual através das virtudes que praticamos, das orações que dizemos, das capacidades que adquirimos. Mas uma das formas em que nosso desenvolvimento real se expressa é em que medida expandimos nossa responsabilidade.

Aprendemos bons costumes, normas de vida; mas em última análise agimos de acordo com o que somos, muitas vezes de forma independente do que dizemos que pensamos ou acreditamos.

Se estamos em algum caminho espiritual ou religioso, aprendemos orações, meditações, exercícios; fazemos boas obras. Mas é sempre o grau de nossa

responsabilidade o que mostra o estado espiritual em que estamos. Em outras palavras, mostra a amplitude de nosso estado de consciência.

Geralmente damos por subentendido que a responsabilidade consiste em cumprir da melhor maneira possível nossas obrigações. Mas quais são essas obrigações? Observar as leis e as regras da sociedade representa apenas um tipo de obrigações. O sentido que cada um tem do que lhe cabe fazer pode estabelecer outro tipo de obrigações, que a lei nem sempre obriga a cumprir.

A etapa de nosso desenvolvimento na qual nos limitamos a cumprir as obrigações que a sociedade nos impõe se caracteriza pela divisão que fazemos entre o que nos afeta e o que pensamos, ou cremos, que não nos diz respeito.

Se decidimos reduzir nossa responsabilidade a cumprir deveres para não receber sanções, escolhemos viver de acordo com um sistema de valores relativamente baixo. Reduzimos o bem ao que é correto fazer de acordo com a lei e as normas estabelecidas; imaginamos que, para ser uma pessoa de bem, somente necessitamos cumprir com as disposições do meio em que vivemos. Desta maneira, para ser uma pessoa de bem não basta limitar-nos a manter uma conduta que esteja em conformidade com a lei vigente e as normas admitidas. Mas uma pessoa que se atém a cumprir obrigações e normas, que permanece dentro da lei vigente, pode viver, ao mesmo tempo, fora de sua própria lei. A responsabilidade inerente a seu estado de consciência pode ir muito além do mero cumprimento de seus deveres de cidadão.

Percorremos um longo caminho até adquirir o sentido do dever. Cumprir foi um marco fundamental no desenvolvimento de nossa responsabilidade. Mas cumprir é unicamente o aspecto exterior da responsabilidade. Essa responsabilidade –a de limitar-nos a cumprir obrigações– é exterior não somente porque se limita a ações exteriores mas porque expressa uma atitude interior de enfrentamento. Estamos diante de algo. Diante da sociedade, da autoridade, da lei: diante do dever. Mas também diante da consciência que temos do dever. Dividimo-nos, assim, em uma personalidade exterior que cumpre de acordo com a forma em que define o que nos diz respeito, e outra personalidade que julga se cumprimos com as obrigações que não podemos evitar; mas nem sempre cumprimos de acordo com a nossa consciência de moralidade e de participação.

A responsabilidade exterior é uma obrigação da qual temos de prestar contas. É também uma responsabilidade que podemos transferir para outros. Além disso, permite-nos férias, ou seja, períodos de relativa irresponsabilidade.

Quando a responsabilidade é perante alguém, é comum que exista alguma possibilidade de evitar seu cumprimento. Quando isto ocorre e podemos fugir de uma responsabilidade que é somente nossa, não de outros, pensamos que conseguimos uma vantagem, um ganho que festejamos com alegria. Sentimos que nos “salvamos”. Não tomamos consciência de nossa irresponsabilidade, visto que se pensamos que podemos fugir de uma responsabilidade é porque consideramos que não temos a responsabilidade de cumpri-la.

Se o número de responsabilidades que é preciso cumprir determinasse a margem que resta para a liberdade, liberdade e responsabilidade seriam opostos irreconciliáveis. Liberdade significaria irresponsabilidade, e responsabilidade seria cumprir com aquilo que não podemos deixar de fazer sem ser sancionados ou menosprezados. Se assim fosse, mostraria que consideramos que a responsabilidade é algo exterior a nós, um fardo que carregamos com desconforto, que suportamos com esforço e da qual desejaríamos nos livrar. Mas somente podemos sentir que essa responsabilidade é uma carga quando nossa consciência de ser é a de um ente separado e independente.

Se limitássemos nossa responsabilidade a uma responsabilidade exterior, não seríamos realmente responsáveis. Nesse estado de consciência, liberação seria liberar-nos de responsabilidades, e buscar a liberação seria procurar o modo de nos aliviarmos do mundo e da vida.

À medida que desenvolvemos nosso estado de consciência vamos substituindo o censor exterior por um interior, ou seja, por nossa consciência do que *devemos* fazer, a que não nos dá a possibilidade de evasão. A partir dali, embora possamos tentar justificar em nós uma falta de responsabilidade, já não podemos ignorá-la. Nossa consciência do que temos de fazer é um censor mais rigoroso que os juízes exteriores. Mas despertar a consciência censora é somente um passo no desenvolvimento da responsabilidade.

Embora todos tenhamos responsabilidade, cada um de nós responde de acordo com sua consciência da mesma. A noção de responsabilidade é uma

consequência da noção que cada um tem de si mesmo e de sua relação com o meio e com o mundo. E essa noção não é estática, desenvolve-se ao ritmo do processo de nosso desenvolvimento, ou seja, ao ritmo da expansão de nosso estado de consciência. Podemos dizer, então, que cada estado de consciência determina uma relação diferente entre nós e o meio, entre nós e o mundo.

Cada pessoa tem uma ideia do meio, que geralmente considera semelhante com o âmbito que o circunda. Este âmbito não tem para todos o mesmo limite. Quando não alcançamos a consciência de *ser-no-meio*, a realidade não vai além do que percebemos segundo a personalidade que adquirimos através da educação, da instrução e da cultura do meio em que vivemos. A partir desse ponto de vista, podemos chegar a sentir que não temos obrigação de fazer o que não tem uma relação direta com nossa pessoa, que não estamos obrigados a nada mais que isso.

Os limites do campo daquilo que nos interessa estabelecem a linha que nos separa do mundo de fora, que para nós é como se fosse um desenho em uma tela que podemos olhar ou não. O mundo de fora é estranho; não nos importamos com ele a menos que afete diretamente nosso mundo particular e nossos interesses. A realidade desse meio não passa de um contexto para nossa vida. Bilhões de seres humanos são um cenário que pode mudar dentro de um mundo que está em frente a nós, além do alcance de nossa consciência de ser. Não nos sentimos responsáveis por esse meio.

Esta visão limitada tem geralmente sua contraparte quando pensamos que são os outros os responsáveis pelo que acontece conosco. Mas se aqueles que formam nosso meio têm esse mesmo estado de consciência, nós também somos estranhos para eles, e responsáveis pelo que acontece com eles. Neste estado de consciência é impossível uma comunicação que realmente vincule uns aos outros. Não há solução para os problemas que necessariamente são gerados pela divisão entre eu e os outros, entre meu círculo e o resto³.

Quando a responsabilidade se limita ao círculo do eu, ela é interesseira, ávida de resultados e de benefícios pessoais. Mas a verdade é que vivemos no meio e não em frente dele. É inevitável então que, seja qual for nosso estado de consciência, a interação com o meio vai ampliando nossa consciência do contexto em que vivemos.

³ O resto não é somente o outro, o estranho; é também o supérfluo, o que sobra.

A noção daquilo que é exterior a nós está determinada pelos limites alcançados pela nossa consciência de ser. A medida ou proporção em que esses limites se estendem até abarcarem uma realidade maior –a medida em que nossa noção de ser abarca o meio– é a medida em que nossa responsabilidade se expande e vai se transformando em consciência da realidade. Esta consciência não é espontânea; tampouco é produzida por aquilo que vamos conhecendo sobre o meio em que vivemos.

O conhecimento do meio não implica necessariamente a consciência do meio; pode ser somente uma informação sobre o meio, informação que podemos selecionar ou tentar ignorar. Responsabilidade, porém, é consciência do meio. O meio é em nós.

Sentir-nos frente ao meio seria negar nossa responsabilidade perante a vida e o mundo. Porém, quando o meio é em nós, aquilo que é exterior a nós é o complemento que equilibra o que é interior em nós. Meio interior e meio exterior se harmonizam em uma unidade equilibrada. Termina o antagonismo entre eu e o meio, entre pessoa e humanidade. Nossa responsabilidade já não deriva de nosso sentido de dever; é a inclusão em nossa consciência de ser daquilo que até esse momento considerávamos como exterior a nós. É a expansão dos limites de uma consciência pessoal rumo a uma dimensão mais universal. É participação.

Assumir a responsabilidade é um processo de desenvolvimento interior que vai desde o mero cumprimento das obrigações ineludíveis até um estado espiritual de participação expansiva. Esse assumir progressivo da responsabilidade vai determinando o lugar real que ocupamos na vida.

Quando estendemos nosso sentido de responsabilidade, nossas ideias se ampliam, compreendemos melhor as pessoas e vemos com maior clareza a origem de seus problemas –e a dos nossos–. Quando nossa expansão interior não tem limites, nossa responsabilidade também não tem limites.

Aceitação

É comum que entendamos a aceitação como uma resignação passiva diante do que acreditamos inevitável, ou como inércia frente às circunstâncias da vida. No contexto deste texto não a entendemos assim. Se não nos esforçássemos para descobrir e realizar nossas possibilidades, nunca saberíamos se podemos superar os problemas que sofremos, ou saber como nos relacionar com eles se fosse impossível para nós evitá-los.

Ter que nos esforçar para alcançar o que necessitamos ou para enfrentar frustrações, perdas, doenças, tragédias pessoais ou coletivas, ou então saber que o tempo nos trará declínio e morte, traz consigo uma carga de dor que não desaparece ainda que eventualmente tenhamos momentos prazerosos. Ao aceitar a dor rompemos o laço que nos prende quando a única coisa que nos importa é nossa dor. Compreendemos então que aceitar a dor é aceitar a vida.

Chamamos dor a uma das formas em que a vida se expressa para nós. O sofrimento, em troca, é o modo em que a dor incide sobre nós e a forma como reagimos a ela.

Raramente somos plenamente conscientes da dor inerente à vida. Geralmente conhecemos somente nosso próprio sofrimento. Podemos dizer que o sofrimento é nossa relação pessoal com a dor. Mas enquanto sofrermos somente porque sofremos não conseguiremos compreender a dor nem a vida.

Começamos então aprendendo a aceitar o que não está em nossas mãos modificar como, por exemplo, o passado. O meio em que vivemos, as características das pessoas, os conflitos particulares e os coletivos, são uma expressão dinâmica do passado. Reagir contra esta expressão é não aceitar o que já foi. A única coisa que podemos fazer com proveito é trabalhar para o futuro agindo no presente.

Ao aceitar o passado paramos de reagir contra o presente. Desta forma podemos compreender o passado e também o presente. É inútil reagir contra a história, querer que a vida e as pessoas tenham sido diferentes. Aceitar o passado é, então, aceitar a dor que esse passado provoca no presente. Quando o aceitamos, quando deixamos de reagir, encontramos o presente e podemos trabalhar para o futuro. Se não aceitarmos o presente

tal como é, nossas ações se reduzirão a reações que não conseguem mudar o que já passou. Agir desta maneira, por reação, é agregar mais cargas àquelas que já existem, somar dor à dor. Aceitar o passado, então, é aceitar a nós mesmos, que já somos. E é aceitar a realidade em que vivemos, que já é. Esta aceitação dá equilíbrio a nossa vida.

É comum que aceitemos a parte agradável da vida e que rejeitemos aquela que nos faz sofrer. Quando nos sentimos bem somos otimistas, nada é um problema para nós; estamos felizes, nosso mundo é o melhor dos mundos possíveis. Mas quando sofremos, nossa visão da vida costuma mudar, não encontramos sentido no que fazemos, e nos afundamos na tristeza, na angústia ou no desespero. Podemos até mesmo chegar a rejeitar o mundo e a vida.

A realidade é independente da atitude com que a consideramos. Não temos que deformá-la com reações do momento; necessitamos descobri-la tal como é. Mas para conhecê-la temos que aceitá-la. Esta aceitação não tem um sentido abstrato, é aceitar a realidade tal como incide em nossa vida.

Isto não deve ser interpretado como resignação ou fatalismo.

A resignação fatalista coloca um véu sobre a realidade. Quando pensamos que tudo está predeterminado não enfrentamos nossas possibilidades reais e não conseguimos reconhecê-las. Aceitar, por sua vez, é aceitar o desafio das possibilidades que todos temos em cada momento. Cada decisão que tomamos muda a trajetória de nossa vida; decidamos, então, aceitar o que já é. Dessa maneira, poderemos discernir a melhor decisão que agora podemos tomar para orientar nossa vida tal como desejamos fazê-lo. Se não aceitarmos o momento que estamos vivendo, o mais provável é que a vida decida por nós, como se fôssemos folhas mortas movidas pela corrente.

Para que nossas decisões estimulem nosso desenvolvimento convém que aprendamos a não prejudicar o que acontece e o que nos acontece. É claro que necessitamos desenvolver a capacidade de julgar, de avaliar situações, possibilidades e opções. O importante ao julgar é que possamos manter-nos livres das pressões de nossas alegrias e sofrimentos, como também de nossos gostos, desgostos, parcialidades, discriminações e ideias feitas.

Aceitar nos dá liberdade interior para discernir e compreender situações sem prender-nos a ideias prévias ou a simpatias ou antipatias particulares. Sem essa liberdade não poderíamos ter juízos objetivos, somente teríamos juízos pessoais, que seriam derivados de nossos preconceitos.

Em vez de julgar a vida, as circunstâncias, as pessoas, necessitamos conhecê-las. No entanto, é comum que quando acreditamos que julgamos, o que em realidade estamos fazendo é criticar ou jogar sobre outros a responsabilidade pelo que sofremos. Aceitar, em troca, nos dá a liberdade de não nos prendermos a juízos rígidos que facilmente se tornam definitivos, liberdade para viver livres de preconceitos sobre o que a vida é.

Quando nos acostumamos a aceitar, aprendemos a não reclamar como se tivéssemos que ser eximidos de todo sofrimento. Muitas de nossas queixas são formas através das quais pretendemos fugir da responsabilidade que temos pelo simples fato de viver, como se pudéssemos ser somente espectadores situados fora do contexto da vida. Isto seria querer viver na ignorância, à margem da realidade. Nesses casos, queixar-nos evidenciaria a debilidade de não querer assumir os problemas inerentes à vida humana. Seria uma forma de não nos comprometermos. Em troca, aceitar é estar dentro da realidade que vivemos, sentir-nos responsáveis pelo que acontece: todo problema é meu problema.

Aceitar, então, é manter-nos conscientes de que tudo nos diz respeito. Por isso, aceitar é terminar com a ilusão de acreditar que podemos viver separados do que nos rodeia.

Quando todo problema é nosso problema não somente nos informamos sobre ele, mas o compreendemos; o que compreendemos é em nós. Mas não é porque sentimos e agimos assim que nos damos mais importância; pelo contrário, quanto mais aceitamos, mais incluímos e menos relevantes nos sentimos. Por isso não é surpreendente que já não falamos de nós mesmos com a frequência que costumávamos, mas somente quando é necessário que o façamos. Compreendemos que falar sempre de nós mesmos seria pensar sempre em nós e para nós, encobrir a vida com o eu, pretender ser o centro de qualquer situação, inclusive de situações que não nos dizem respeito.

Também compreendemos que aceitar é aprender a não falar desde nós mesmos. Falar desde nós mesmos é pensar desde nós mesmos. Quando olhamos a vida e o mundo a partir de nós mesmos reduzimos a realidade a um ponto de vista: o nosso. Fechamo-nos em nossas opiniões, sem nos importarmos em considerar outros pontos de vista.

Falar a partir de nós mesmos também é reduzir os problemas da vida àqueles que nos preocupam. Mas nossos problemas pessoais não deveriam

ser uma preocupação, mas somente uma ocupação. Preocupar-nos exclusivamente com nós mesmos seria dar as costas para a vida, limitá-la às contingências de nossas situações particulares. Seria colocar-nos em oposição à realidade, desconhecê-la.

Quando já não vivemos preocupados somente com nós mesmos descobrimos que aceitar é amar. É unir-nos, incluir tudo em nós mesmos: a vida, os seres, o devenir. Isto nos ajuda a distinguir os diferentes matizes nos quais a vida se nos apresenta. E ao aceitar seus matizes podemos ver a vida em sua integralidade, sem reduzi-la à vida material.

A realidade é a vida exterior e também nosso mundo interior, com suas possibilidades e valores imponderáveis. Por isso, ao aceitar nos deparamos com o desafio de realizar tanto nossas possibilidades exteriores como as interiores. Se nos limitássemos a realizar somente o que podemos fazer externamente, sem prestar atenção a nosso desenvolvimento interior, à expansão de nossa noção de ser, estaríamos limitando nossa visão da existência. Por outro lado, quando deixamos de enfrentar a vida de forma pessoal, quando não a julgamos por reação, quando não fazemos de nosso eu o sujeito único, quando terminamos com a postura de espectadores, nosso ser e a vida ser tornam uma unidade.

Ao aceitar a vida de forma integral, deixamos de nos limitar a informar-nos sobre ela. Quando paramos de considerar os eventos da vida somente como dados a considerar, começamos a viver com mais plenitude e compreensão. Viver se torna, para nós, um processo de desenvolvimento contínuo.

Paciência

Vivemos incitados pelo tempo. Não conseguimos agarrá-lo porque já se foi e está além de nosso alcance, ou porque ainda não é e representa uma incógnita.

O tempo é uma distância que a recordação não consegue encurtar. A passagem do tempo coloca um véu sobre o que já foi, cobrindo-o de tal forma que chegamos a nos perguntar se realmente foi. O tempo apaga as imagens e torna difusas as recordações. O vivido vai desaparecendo paulatinamente por detrás da neblina do esquecimento.

O tempo é também uma pergunta pungente sobre o que virá. Não conhecer o que virá a ser é para nós motivo de insegurança, temor e angústia.

A paciência nos ensina a aceitar o tempo.

Aceitar o tempo é compreender que a vida não nos dá apoios. Nem o passado nem o futuro são apoios para o nosso presente. O presente é devenir contínuo, transformação permanente. Se fingíssemos ignorar o tempo, estaríamos perseguindo algo impossível. Quando temos a ilusão de evitar o tempo, colidimos contra o presente. Quando queremos capturar o presente somente ficamos com recordações. E quando resistimos a vir a ser, detemo-nos dentro da corrente dinâmica do tempo. Em relação com o devenir, nossa detenção seria como uma morte; já não viveríamos realmente, somente duraríamos. Se resistíssemos a aceitar o tempo não participaríamos do ritmo da vida.

A paciência nos permite superar o temor às mudanças que a passagem do tempo traz. Temer as mudanças é como viver agarrado ao que já não é. Como se pudéssemos viver de costas para o futuro, contemplando um passado que já se foi. Quando nos concedemos liberdade interior diante das mudanças, a paciência nos ensina a integrar-nos ao devenir. Isto nos permite fixar-nos na essência do que somos, para além das mudanças produzidas pelo tempo.

Paciência, no processo de desenvolvimento individual, é reconhecer que cada um tem seu tempo.

Cada pessoa tem um ritmo diferente, um ritmo que é seu e que necessita ser respeitado. Quando forçamos todos a caminhar com o mesmo passo, detemos alguns e arrastamos muitos. Por isso, é bom que cada um de nós

aceite seu próprio ritmo. Conhecer o próprio passo é estar caminhando. É conveniente, então, aprender a caminhar com nosso passo e a respeitar aquele que cada um tem em seu andar.

Avançar não é alcançar ou ultrapassar o outro. Por mais pressa que tenhamos para conseguir algo, sabemos que, embora interiormente possamos nos sentir livres do tempo, na vida cotidiana vivemos no ritmo do tempo; isto implica que não podemos queimar as etapas que necessitamos realizar; temos que percorrê-las. Percorrer é caminhar do princípio ao fim, e não voltar. Discriminamos então a etapa que percorremos daquela que talvez repetimos. A paciência nos dá a perseverança de percorrer nosso caminho até o fim, e a sabedoria de discernir quando estamos caminhando e quando estamos repetindo.

Nosso ritmo interior às vezes é mais rápido que o passo que estamos dispostos a dar. Então o tempo vai mais rápido que nós e nos deixa para trás.

O passo de algumas pessoas é, às vezes, mais veloz que o de outras. A distância que ganham não deveria distanciá-las. Se realmente avançamos, compreendemos que cada um está em seu caminho, caminhando de acordo com seu passo. Compreendemos que estar atrás não é estar atrasado, que estar em outra parte não é estar equivocado. Quando nos tornamos impacientes, tornamo-nos vítimas de nosso afã. Não conseguimos crescer apressadamente; podemos nos apressar, mas não podemos apressar a vida.

A paciência leva-nos à sabedoria. Não é o tempo que nos traz a sabedoria, mas é a compreensão do tempo que nos conduz a ela.

Não posse e Participação

À medida que nos desenvolvemos espiritualmente aumenta nossa liberdade interior e, conseqüentemente, ampliamos o sentido do que entendemos por liberdade. Ela já não consiste em satisfazer nossos caprichos do momento, mas em fazer aquilo que responde à nossa participação e responsabilidade.

Conseqüentemente, deixamos de viver somente para nós mesmos de forma arbitrária, segundo nossos desejos ou movidos por impulsos ou reações, e trabalhamos tanto para o nosso bem como para o de todos. Vamos compreendendo que não podemos pretender tomar algo da vida para que seja somente nosso ou para nosso próprio benefício, e que nosso sentido de posse nos ata à ilusão de crer que podemos reter algo que somente passa rapidamente por nossas mãos, quer sejam coisas ou momentos que gostaríamos que não passassem. Compreendemos também a ilusão de pensar que, porque adquirimos alguns bens, dizemos que são nossos; e que enquanto nos agarramos ao pouco que podemos segurar, a vida se esvai por entre os nossos dedos e a vamos perdendo.

Na verdade, mesmo que pensemos e sintamos que nossas posses são definitivas, nossa relação com o que cremos ter é de não posse, quer percebamos isto ou não. Como podemos supor que temos algo que não podemos reter de forma definitiva? Se a passagem do tempo nos obriga a desprender-nos de tudo, não seria sensato tomar consciência da transitoriedade do que temos e desenvolver em nós o senso de não posse? Este senso nos daria liberdade interior para viver plenamente cada momento porque seríamos conscientes de que ele é único. Essa consciência transformaria nossa relação com os bens que podemos obter e, especialmente, realçaria notavelmente a relação que temos com as pessoas. Mantemo-nos conscientes de que o momento que compartilhamos com o outro é único e valioso, como também de que nossos bens não são uma propriedade completamente nossa; hoje estão em nossas mãos, mas amanhã não estarão mais ou não poderemos desfrutá-los tanto como desejamos.

A ideia de posse pessoal e absoluta limita nossa percepção da realidade. Não somente nos leva a pensar que podemos deter o tempo e reter o que cremos ser nosso, como também nos induz a sentir que tudo o que nos acontece é nosso, exclusivo, próprio, especialmente os momentos de dor. Mas ao encerrar-nos em uma dor como se fosse somente nossa não

percebemos a dor que é parte da vida. Aprisionamos nossa dor e se nos escapa a vida.

À medida que avançamos vamos desatando as ligaduras com as quais o senso de posse pessoal nos limita e gradualmente desenvolvemos um senso de não posse que nos abre caminho para a liberdade interior.

O senso interior de não posse permite que o que temos, usamos ou desejamos não nos ate, não nos torne escravos do que vamos adquirindo ou alcançando.

O senso de não posse faz da posse uma posse interior que não podemos perder, que não necessitamos cuidar, que não podemos vender. O que é não pode deixar de ser, não se perde, não nos escraviza a nós e nem nos escraviza a outros.

* * *

À medida que avançamos expandimos nossa consciência e, conseqüentemente, nossa responsabilidade e nossa liberdade interior também se ampliam. Mas como nosso adiantamento não é súbito, enquanto por um lado desenvolvemos o senso de não posse, o estado de consciência positivo que permanece em nós nos faz sentir que não possuir é perder o que temos. A partir desse estado de consciência somente entendemos o crescimento por adição.

Ao expandir nosso estado de consciência, necessariamente muda nossa relação com o meio, com nossos bens e, inclusive, com nossas capacidades. Essa relação é, precisamente, a que determina em que medida está arraigado em nós o senso de posse. Quando nos identificamos com a personalidade que adquirimos, nosso senso de posse é exterior e pessoal. Somos alguém separado do que cremos ser e do que cremos ter, e pretendemos cobrir essa distância com a ideia de que o que temos é *nosso*. Mas se necessitamos defender o que dizemos ter, na verdade não é totalmente nosso, visto que podemos perdê-lo. Quando vamos transcendendo nosso estado de consciência positivo nosso senso de posse vai se tornando interior, intrínseco. Somente temos aquilo que não podemos perder. Ou seja, aquilo que somos, com a amplitude de consciência que alcançamos.

Para compreender o senso interior de não posse necessitamos nos precaver de nossa tendência a catalogar as coisa no sistema de pares de opostos. No

sistema de opostos opomos o pessoal ao social, o exclusivo ao coletivo. Nem sempre nos damos conta, por um lado, da unidade da família humana e, por outro, da transitoriedade das coisas. E quando nos afirmamos no senso de posse, não somente imaginamos que podemos parar o tempo mas que também podemos impedir as mudanças inevitáveis no devenir.

Além disso, poderíamos dizer que querer possuir é também querer ser servido, viver pedindo –o que queremos ter, o que queremos mostrar que somos–. Não posse, em troca, é viver servindo. Quem participa serve⁴. E, em nosso entender, quem serve é servido pela vida.

O sentido interior de não posse se expressa em um estado de consciência de participação. Quando participamos não nos possuímos a nós mesmos totalmente; nossa vida é vida em todos os seres humanos. Quando participamos, viver separados por um egoísmo exclusivo seria como uma morte espiritual para nós, já que o amor que anima nossa participação transcende os limites de nossa pessoa: sentimos que não temos direito a apropriar-nos de nossa vida, que não podemos separá-la da vida mesma nem tampouco separá-la da vida de cada ser humano.

Quando não nos possuímos, vivemos dando-nos. Mas não sentimos que nos damos. Dar já não tem o sentido de dádiva; dar é dar-nos. “Dá” aquele que se reserva algo exclusivo para si; por isso, quando não nos possuímos, sentimos que não poderíamos dar nada que fosse mais excelente do que nós mesmos. Como nos damos totalmente, damo-nos sem considerar nosso gosto pessoal. Escolher dessa maneira seria arbitrar, escolher de acordo com nossas preferências particulares e não de acordo com a realidade do contexto.

Quando participamos não pretendemos apropriar-nos de outros nem sujeitá-los a nosso capricho. Quando vivemos em todos os seres sentimos que não poderíamos ter mais do que já temos. Por isso, tampouco temos mais do que necessitamos, mas apenas o que podemos usar com proveito. Sabemos que ter mais do que necessitamos seria acumular inutilmente o que o outro necessita ou pode necessitar.

Quando participamos, aprendemos a não desperdiçar nada. Sentimos que temos a obrigação de usar com eficiência o que possuímos, que desperdiçar seria depreciar o valor vital que existe em todas as coisas; que,

⁴ *Serve* é usado em sua dupla acepção: *dar-se* e *ser útil*, no mais amplo sentido do termo

especialmente, é depreciar a vida que cada pessoa põe no que faz. Quando participamos não jogamos fora o que pode ser útil a outros ou reciclado.

Quando participamos não perdemos tempo. Sentimos, especialmente, que perder tempo seria falta de responsabilidade, não apenas pessoal mas também social. Perder tempo seria como perder vida e, especialmente, perder as possibilidades inerentes ao tempo perdido.

Quando participamos vivemos comprometidos. Como poderíamos perder tempo? Nosso tempo já está dado por nossa participação, por nossa responsabilidade, por nosso amor.

Quando participamos compartilhamos o que possamos ter. Nossas capacidades não são exclusivamente nossas. O que sabemos, o que podemos, o que compreendemos, não apenas tem sentido se nos serve, mas se também é útil para outros. Se não, para que tê-lo? Usar os dons apenas para nós mesmos seria voltar atrás, separar-nos da vida e dos demais seres humanos, cair na separatividade do egoísmo exclusivista. Em troca, ao participar nossos dons, nós os possuímos em sua plenitude. O professor é professor quando ensina; o músico, quando oferece sua música; o cirurgião, quando opera para o bem do paciente.

Quando participamos tampouco nos apropriamos de nossas compreensões. Como não usamos o saber para obter vantagens, nosso saber se torna sabedoria.

Quando nos desenvolvemos espiritualmente, nossa relação com a existência também evolui e se expressa no sentido interior de não posse. A existência não pode possuir-se de forma particular. Não podemos separar nossa vida da vida mesma. Nem separar o que somos do que é.

III. DA MÍSTICA

A Mística

Obviamente, a mística não se reduz aos temas incluídos neste trabalho. Aqui tratamos somente alguns dos aspectos que observamos quando passamos do estado espiritual positivo ao negativo.

A inércia do estado espiritual positivo que predomina em muitos de nós é grande demais para permitir que nos seja fácil entendê-lo e, ainda mais, para alcançar um estado interior negativo. Por outro lado, os problemas que hoje sofremos como sociedade fazem parecer quase utópico que partamos da base de que tomemos o anseio de renúncia como ponto de partida de nossa mística. Mas tomamos este anseio como se fosse atual em nós para não nos determos demais nas primeiras etapas da ampliação de nossa consciência, facilmente conhecidas por aqueles que desejam desenvolver-se. É mais difícil descrever os passos posteriores do desenvolvimento espiritual porque há menos experiência neles. Nestas etapas nos encontramos sós, sem os apoios que temos nas ilusões que, com frequência, perseguimos. Também não nos é fácil encontrar um guia sábio para nos orientar em nossa via mística; com facilidade nos desorientamos com a liberação espiritual fácil que nos é oferecida em troca de estudos, exercícios ou conversões.

As Virtudes

A maioria das religiões e caminhos espirituais basearam a vida espiritual na prática perseverante das virtudes, por meio das quais alcançaríamos uma perfeição que nos faria credores da salvação, da beatitude ou da união divina. Muitos se empenharam dedicadamente na prática das virtudes e, por esse meio, alguns alcançaram certas conquistas espirituais. No entanto, mesmo estes se veem tão imperfeitos quando se comparam com o modelo que teriam que realizar, que a grande maioria perde a esperança de conseguir chegar algum dia à meta sonhada.

O exercício assíduo de uma virtude não nos assegura que consigamos alcançá-la; o próprio fato de que tenhamos de nos esforçar para praticá-la nos recorda que não a possuímos realmente. Sempre, ao menor descuido, voltam a surgir, rebelando-se, as forças reprimidas ou não bem canalizadas, como se quisessem nos mostrar que nada conseguimos com tanto esforço.

Muitos de nós sofremos diante do aparente fracasso de nossos nobres propósitos e, quanto mais tempo passamos na luta pela aquisição de virtudes, menos claramente vemos o caminho que temos de seguir. É comum –e até natural– que cada queda ou debilidade em nosso esforço aprofunde em nós o sentimento de culpa ou de fracasso e que, no fim, nos sentimos incapazes de alcançar o desenvolvimento espiritual a que nos propusemos.

Por outro lado, muitas pessoas que, segundo o conceito corrente de virtude, poderiam mostrar-se como modelos que teríamos que imitar são, na prática, tão limitadas em suas apreciações e tão rígidas em sua conduta que muitos nos perguntamos qual a excelência de uma virtude que aprofunda a divisão, o antagonismo e a incompreensão entre as pessoas. Quantos de nós nos aferramos escrupulosamente à letra de nossas crenças e cumprimos com extraordinário zelo as normas de nossos dogmas e, não obstante, somos intolerantes e até mesmo cruéis com aqueles que não participam de nossas ideias! Esta contradição fez com que muitos desconfiassem da eficácia das virtudes. Em realidade, não questionam a virtude em si mesma, mas a virtude tal como lhes foi ensinada. Ou seja, o significado e o alcance que cada crença deu ao conceito de virtude.

Fez-se da virtude um conceito ideal, desconectado da natureza humana. Ao serem idealizadas e estarem além de nossas possibilidades reais, as virtudes

se prestaram a interpretações pessoais. Quando cada um tem seu conceito de virtude, a prática de suas virtudes termina por colocá-lo contra aqueles que têm um conceito diferente de virtude.

Embora possamos supor que o exercício das virtudes otimiza nosso amor a Deus, é comum que mesmo quando perseveramos em nosso esforço em praticá-las sintamos que a mística está fora de nosso alcance e que consideremos os santos, os místicos e os contemplativos como seres diferentes, estranhos a nosso mundo atual. Como se houvesse dois mundos, o dos perfeitos, que dizem como devemos ser, e o nosso, no qual lutamos por sê-lo sem conseguir sair nunca de nossas misérias. A prática positiva das virtudes não é suficiente para alcançar a paz e a felicidade, nem tampouco para entrar no âmbito interior da mística.

Se não compreendermos a diferença entre este estado místico e a virtude, mesmo a negativa, que queremos alcançar, acabaremos por reduzir nossa mística à prática das virtudes e por fazer de um conceito limitado da virtude um fim em si mesmo.

Além disso, se por um lado admitimos que somos imperfeitos por natureza e, por outro, se nos apresentam as virtudes como a perfeição que devemos alcançar em cada aspecto de nossa conduta, é inevitável que se mantenha um abismo entre o que sentimos que somos e o que cremos que deveríamos ser, e que essa distância intransponível aprofunde nosso sofrimento ou nosso desespero.

Necessitamos, então, aprender a transformar a virtude em um bem permanente, um bem que nos expanda interiormente, que nos dê paz e sabedoria.

A primeira coisa que necessitamos compreender é a natureza de nossos anseios espirituais. Não conseguiremos expandir nossa consciência, alcançar paz interior nem união divina enquanto as buscarmos como bens pessoais, de forma possessiva. Não conseguiremos alcançar a liberação espiritual enquanto a entendermos como nossa liberação particular.

Mas se a aspiração a nos desenvolver for constante em nós, seguramente haverá um meio que nos permitirá alcançar isso. Neste trabalho, entendemos que a renúncia é um meio para alcançar aquilo a que aspiramos.

Renunciar não consiste em nos desfazer do que temos porque o consideramos de pouco valor em relação com o que pretendemos alcançar. Pelo contrário, a renúncia nos confere uma liberdade interior que nos permite usar tudo na medida justa, transformar o que de per si é limitado em um sólido apoio para alcançar um desenvolvimento maior.

Esquecer-nos de nós mesmos é o primeiro passo no caminho da renúncia. Mas como é possível esquecermo-nos de nós mesmos se todos os pensamentos e sentimento nascem de nós mesmos? Como podemos deixar de tomar-nos como ponto de referência? Isso é possível quando começamos a dar maior importância à vida e aos problemas dos outros do que à nossa vida particular e aos nossos problemas pessoais. A fórmula é aparentemente simples, mas requer uma vida de esforço, de oferenda e de renúncias para ser compreendida completamente e realizada interiormente.

Ao mudar a relação entre nós mesmos e o que nos rodeia muda também a natureza dos fins que perseguimos. Antes a virtude era um objetivo pelo qual lutávamos para enriquecer interiormente. Mas quando já não pretendemos um enriquecimento espiritual pessoal, necessitamos um motivo mais universal em sua origem e em seu objetivo.

Em sua origem, porque se não somos o centro de interesse, a fonte dos impulsos deve calar mais fundo em nossa consciência e surgir de águas mais espirituais que aquelas do nosso eu particular.

Em seu objetivo, porque o que motiva os esforços interiores vai além do desejo de uma realização isolada, somente para nós mesmos, e obriga a nos abriremos a uma realidade mais ampla: a de todos os seres humanos.

No entanto, o esquecimento de nós mesmos não basta para transformar uma virtude positiva em um estado interior negativo. Mesmo que não pensemos sempre em nós mesmos, não podemos deixar de recolher os frutos de nossos esforços; tampouco podemos impedir quedas e frustrações, ainda que nos esforcemos para evitá-las. Mas se não podemos evitar as quedas em nosso caminho, podemos, no entanto, transformá-las em experiências liberadoras. Embora um fracasso nos humilhe, também nos ensina a conhecer nossas limitações e a medir nossos objetivos para poder realizá-los. Pouco a pouco, essas realizações nos abrem caminho rumo aonde ansiamos chegar.

Além disso, um triunfo nos cega com seu brilho e projeta sua importância para além de seus limites reais. Costumamos dizer que triunfamos quando

conseguimos nossos objetivos, mas depois, como nos identificamos com o que conseguimos e o agarramos possessivamente, essa aparente conquista se transforma em um obstáculo para nosso desenvolvimento posterior. Liberar-nos de nossos fracassos é tão importante como aprender a liberar-nos de nossos triunfos.

A senda espiritual não é um caminho de triunfos sucessivos; é, antes, um contínuo aumento no conhecimento de nossas limitações, das mesquinhas, das misérias que ocultamos com as cascas de conquistas superficiais. É, em realidade, um fracasso pessoal contínuo que permite surgir o que realmente somos.

* * *

A ênfase na prática das virtudes que chamamos positivas foi indispensável para o desenvolvimento de nossa personalidade, para o adiantamento de cada pessoa dentro de um mundo separado em raças, classes, países e crenças. A virtude positiva nos afirmou em uma personalidade própria, deu-nos forças para conquistar o mundo material e, especialmente, para desenvolver nossas faculdades positivas: a capacidade de fazer, de descobrir os segredos e as leis que regem o mundo natural, e as formas de aproveitá-las para melhorar nossa maneira de viver.

O exercício positivo das virtudes é a prática das mesmas com um sentido possessivo, ou seja, é um esforço pessoal para alcançar um objetivo desejado. A conquista sucessiva da série de objetivos dava a medida do progresso. O mesmo padrão que se usava para apreciar o progresso material era empregado para medir o adiantamento espiritual.

Dentro de um processo de afirmação da personalidade, a mística era usada para afirmar-nos em nossas conquistas. E o exercício positivo das virtudes nos assegurou o progresso no caminho de “nossa” salvação. Mas era inevitável que, dentro do desenvolvimento positivo, cada personalidade terminasse por enfrentar e se opor aos demais, cada crença se esforçasse para conquistar ou eliminar as outras e cada indivíduo lutasse contra outros indivíduos, em sua ânsia por alcançar sua meta particular. Esta luta positiva foi não somente benéfica mas indispensável para desenvolver nossas capacidades e o conhecimento de nossas extraordinárias possibilidades exteriores.

Embora pensemos que essa etapa foi superada –ou melhor, que estamos tentando superá-la– não devemos menosprezá-la para dar valor somente ao

novo passo que temos que dar. Não devemos cair na atitude característica do estado positivo da mente, que classifica de forma absoluta tudo o que considera. Não devemos chegar a dizer que o que não é bom é mau; ou que, como a etapa positiva deve ser transcendida, todo esforço positivo é prejudicial, não serve. Não tem sentido julgar negativamente o esforço positivo pelo fato de haver descoberto outra maneira de perceber as coisas; é preciso compreendê-lo, e também compreender que a etapa positiva não é transcendida com uma mera explicação. Entender não é compreender⁵. Mesmo que entendamos claramente a necessidade de alcançar um estado interior negativo, ainda necessitaremos muito tempo de esforços positivos para alcançá-lo.

Ao renunciar não nos opomos ao esforço positivo, mas ao compreendê-lo e dar a ele seu valor, situamo-lo dentro dos esforços que necessariamente devemos fazer para controlar nossas tendências primitivas. Desta maneira fazemos da prática das virtudes positivas um meio poderoso e eficaz que, se usado com sabedoria, promove nosso desenvolvimento espiritual.

Quando renunciamos transformamos a virtude e a atitude positiva que possamos ter em uma *virtude-estado* negativa. Quando não fazemos da virtude um fim em si mesmo evitamos a rigidez da pessoa ética, e quando tampouco fazemos da virtude um meio para alcançar um fim pessoal, não desvirtuamos o sentido de nosso desenvolvimento espiritual.

O desejo de alcançar a própria salvação, bem-aventurança ou bem-estar particular nos separa tanto uns dos outros como o ódio que costumamos nos dispensar mutuamente. Além disso, a busca da realização pessoal foi muitas vezes o rótulo com o qual dissimulamos a fuga de todo compromisso com os demais, com a vida e com o mundo. Quem pode garantir que este anseio de liberação pessoal e separada não é alimentado pelo mesmo egoísmo que nos impulsiona a ser mais ricos, poderosos e felizes que os demais?

Quando damos importância aos problemas mundiais e alheios, esquecemo-nos rapidamente de nós mesmos. Esse esquecimento nos permite compreender melhor nossas reações e atitudes diante da vida e daqueles

⁵ *Entender* se emprega para designar somente o entendimento racional, que não significa necessariamente uma compreensão profunda. Pode-se entender o problema de uma pessoa e, no entanto, permanecer indiferente a essa pessoa e ao seu problema. *Compreender* é entender e participar; é incluir, interiorizar o que entendemos. A compreensão é parte intrínseca de mim. O entendimento, em troca, é somente uma das funções da mente.

que nos rodeiam. Damo-nos conta de que nossa reação, rechaço ou desinteresse em relação ao mundo e aos demais opõem-se a nosso anseio de transcender a personalidade que adquirimos. Essa reação somente é possível quando consideramos mais a nós mesmos do que a qualquer outro. Compreendemos que a atitude positiva encadeia reação com reação e nos encerra cada vez mais dentro da personalidade que queremos transcender.

Alguns místicos explicam a atitude interior negativa como um estado de aceitação, de oferenda, de dação de si mesmo. Embora seja verdadeiro que o estado interior negativo significa um estado de oferenda, reservamos essa palavra, como também as palavras dação e aceitação, para designar somente alguns matizes do estado interior de renúncia. Por isto nos referimos aqui somente à atitude negativa, ou seja, que não buscamos, não queremos e não esperamos nada para nós mesmos; não perseguimos um enriquecimento pessoal.

Dentro do estado de consciência positivo as relações não estabelecem um nexos, não comunicam realmente. São uma contínua ação-reação em uma luta pelo domínio. A característica da atitude positiva é o desejo de nos impor, de ganhar. Quando nosso estado interior é negativo, nossa intenção está mais além do desejo de nos impor aos demais. Nosso esforço para nos desenvolver não se baseia nos conceitos correntes de progresso, adiantamento ou realização. Embora seja verdadeiro que às vezes usamos esses termos para explicar o caminho da renúncia, não temos que confundir o desenvolvimento espiritual com um mero crescimento por adição de agregados.

Se não buscamos nos enriquecer nem alcançar uma realização pessoal, então o que buscamos e de onde tiramos a força que necessitamos para seguir um caminho de renúncia a nós mesmos?

É habitual considerar como motivos válidos os objetivos que prometem algo, ignorando, involuntariamente talvez, o impulso que temos de dar-nos, de oferecer-nos e sacrificar-nos por um objetivo nobre sem esperar uma recompensa pessoal, um ganho imediato. Ainda que essa oferenda não seja frequente, a força que nos impulsiona em direção ao sacrifício é mais poderosa que o impulso que nos move em direção à posse, uma vez que não somente renunciamos aos bens que estão a nosso alcance, mas também oferecemos nossa vida quando sentimos que é necessário. Fazemos isso

por aqueles que amamos, por aqueles que estão em perigo, por nossos ideais.

A necessidade de dar-nos é uma constante em nós. Em todas as épocas admiramos, reverenciamos ou adoramos aqueles que deram exemplo de renúncia e oferenda. Chamamos estas pessoas de heróis, santos ou redentores e os erigimos como ideais dos sistemas éticos e espirituais.

No passado, esses exemplos foram isolados e esporádicos; era lógico que assim fosse durante um período que determinava nossa afirmação como personalidades separadas. Mas quando esta afirmação foi alcançada necessitamos compreendê-la e transcendê-la, para que assimilemos e incorporemos a nosso ser as conquistas que alcançamos. Hoje cada um de nós pode transformar-se em uma expressão viva da renúncia que até agora reverenciávamos em alguns outros, como se essa oferenda fosse estranha a nosso ser.

Através do esforço positivo temos realizado nossos objetivos particulares. Mas quando os possuímos positivamente nos atamos ou atrelamos a eles e não conseguimos transcendê-los. Quando ficamos presos devido a nossos apegos não conseguimos divisar possibilidades que estão além da posse pessoal. Compreendamos que a posse positiva é um triunfo relativo. Quando não a transcendemos, ela nos encerra dentro de círculo vicioso de posse e perda, triunfo e derrota.

* * *

Chegar aonde desejamos chegar é uma conquista. Permanecer ali torna amargos os frutos dessa vitória. Para que um objetivo nos impulsione sem limitar nossas possibilidades futuras nem nos atar com os laços da posse pessoal, deve ser um objetivo negativo.

A renúncia é um objetivo negativo.

O objetivo negativo impulsiona a realizar os objetivos contingentes necessários como se fossem o bem mais perfeito, mas ao nos liberar de nossa tendência a nos identificar de forma positiva com aquilo que alcançamos, nos mantém livres de nossas conquistas sucessivas. Ou seja, o objetivo negativo faz com que o que fazemos ou vivemos se converta em uma renúncia permanente; desta maneira impulsionamos sem cessar nosso desenvolvimento espiritual. Isto já não se traduz em um perseguir para alcançar e possuir, mas em um tomar e deixar, em um desejar não

desejando, em um amor que libera o objeto do amor no momento em que pode possuí-lo.

A liberdade em relação ao que buscamos e alcançamos nos mantém livres da exaltação e da frustração produzidas por nossos triunfos e fracassos relativos, dá-nos uma compreensão plena de nossas experiências e nos outorga o dom de viver em paz dentro de uma vida que não pode deixar de provocar alegrias e dores. Desta forma, nos mantemos livres de nossos condicionamentos e de nossas experiências. Isto nos permite manter-nos serenos e objetivos dentro de nosso desenvolvimento, sem buscar relevância diante daqueles que nos rodeiam. Como mantemos em nós a atitude interior negativa, conseguimos esquecer-nos espontaneamente de nós mesmos, algo que talvez nos parecesse impossível de alcançar.

O estado interior negativo transforma o exercício ativo das virtudes positivas em uma tarefa, em um tipo de trabalho interior ou, para ser mais precisos, em uma responsabilidade. O avanço na conquista da virtude já não é para nós um adiantamento que nos aproxima de um bem desejado; não pensamos em termos de avanço ou retrocesso. O trabalho sobre nós mesmos –que sempre é um fazer positivo– é nosso modo de fazer quando não nos atamos a nossas experiências nem a suas consequências circunstanciais de dor ou alegria, de aquisição ou perda.

Esta transcendência no que se refere a nós mesmos –que talvez se possa entender como impersonalidade– nos permite manter-nos em uma paz fundamental mesmo dentro do esforço tenaz que significa realizar nosso anseio de desenvolver-nos espiritualmente enquanto vivemos a vida que este mundo exige de nós.

A Renúncia Positiva

Em nosso caminho de desenvolvimento distinguimos três etapas fundamentais: a etapa de afirmação pessoal, a da morte mística e de negação afirmativa.

À primeira etapa, de afirmação pessoal, também a chamamos de etapa de renúncia positiva, porque a característica desta etapa é que nossa atitude é sempre positiva. Em outras palavras, nesta etapa estamos em um estado de consciência positivo.

Como é possível que estando em um estado de consciência positivo que nos impulsiona a fortalecer nossa personalidade, nos orientamos em direção a uma renúncia que transcende essa personalidade? Quando o caminho positivo é percorrido até o final ele termina em uma contradição. O crescimento desmedido da personalidade adquirida ataca as bases sobre as quais pretende se sustentar.

Assim como cada um de nós desenvolve uma personalidade particular que compete com as dos que nos rodeiam, assim também cada grupo humano desenvolve sua personalidade característica. Estas personalidades coletivas agem e reagem como se formassem um organismo com vontade e pensamento próprios e, quando levam ao extremo sua luta competitiva, terminam por destruir-se umas às outras.

Na ordem pessoal, quanto mais brilhantes são nossos triunfos exteriores, mais profunda costuma ser nossa crise espiritual; se nosso desenvolvimento foi somente exterior, nossa angústia pode se acentuar. Cada vez torna-se mais obscura a resposta à pergunta que não podemos evitar: a do sentido. Que sentido tem o adiantamento conseguido com tanto esforço e sofrimento; que sentido tem *minha* vida. A crise de sentido mina a base sobre a qual se apoiam os triunfos pessoais.

Ansiamos por felicidade, paz interior. Frente à plenitude a que aspiramos, nossos bens, nossa vida e nossos objetivos podem chegar a nos parecer vazios e sem significado. Isto não é devido a que odiemos o mundo ou que nos sintamos desconfortáveis vivendo a vida comum, mas não necessitamos percorrer todo esse caminho para saber que ele não irá nos oferecer o que realmente desejamos. Ansiamos por um bem interior, uma

segurança fundamental, um conhecimento verdadeiro que nos faça saber quem somos, para que sofremos e nos esforçamos. Amamos a vida e sabemos usufruir os benefícios que a sociedade nos oferece, mas isto não é suficiente para nós: ansiamos por uma conquista permanente.

Já sabemos, porque o comprovamos, que o caminho da posse não nos dá paz nem segurança. Sabemos que ter mais não significa ser diferente, nem ser mais, nem ser feliz. Nunca conseguimos saciar totalmente nossos desejos. Pelo contrário, a saciedade até pode aumentar nossa insatisfação. No final, o peso de nossas experiências e do que adquirimos nos esmaga e nos asfixia. Já estamos cansados de correr atrás de metas que não nos prometem mais que uma felicidade transitória. Estamos cansados de perseguir ilusões, de aprender textos em palavras que não nos dão o que esperamos; cansados de repetir o que outro disse ou fez, de trilhar sendas desgastadas pelas lágrimas e pela desesperança. Estamos cansados de encobrir nossa angústia com as cascas da sofisticação, da moda, da pose, do artificial e do vazio. Cansados de representar um papel sem saber por que nem para quê.

Gostaríamos de parar, de frear a roda da vida para poder ver melhor, para perguntar mais profundamente, para saber o que se passa, o que *nos* passa.

Sabemos que de nada vale reagir contra o sistema em que vivemos; nossa reação seria um produto a mais do sistema do qual queremos nos libertar, o qual se move dentro do ritmo dos contrários, do “a favor” ou do “contra”, do “viva” ou do “morra”. Também não podemos fugir; a fuga exterior é impossível. Todos pertencemos ao sistema. Não podemos escapar exteriormente de um estado de consciência.

Tampouco escutamos aqueles que nos dizem que não pensemos, que não nos preocupemos, que vivamos nossa vida. Sabemos que viver nossa vida quer dizer dar as costas ao restante dos seres e seus problemas, desinteressar-nos. Não queremos nos desinteressar. Não queremos fechar nossos olhos com a indiferença. Não podemos: estamos comprometidos.

Sentimo-nos presos. Como não encontramos um escape possível queremos nos desprender do que sentimos que somos. Queremos, na verdade, transcender nosso estado de consciência positivo. Isto é: renunciar.

Começa assim nosso caminho de renúncia. E nosso primeiro passo é uma mudança de atitude diante do mundo e da vida, que aparentemente nos leva de volta ao lugar do qual queríamos escapar: devemos aceitar o mundo e a

vida. Mas não com uma resignação pessimista, como o teríamos feito se persistíssemos em nosso estado de consciência positivo. Devemos aceitá-los como *nossa* realidade. Ou seja, devemos deixar de reagir positivamente contra um meio que é nosso meio, contra os indivíduos que constituem nossa humanidade.

A rebelião contra a dor e a ignorância que nos afastava do mundo e da vida se transforma em uma aceitação profunda que nos integra ao mundo e à vida. Esta integração, que superficialmente poderíamos entender como uma materialização de nosso ser, é na verdade uma comunhão interior com os seres, uma integração com a existência que aprofunda e espiritualiza nossa visão do divino.

Quando aceitamos *nosso* mundo, quando não rejeitamos mais uma humanidade que é a nossa, começamos a descobrir cada indivíduo dentro dela, e a amá-lo tal como é. Quando o amamos começamos a compreendê-lo. E, *através dos seres humanos*, começamos a compreender a nós mesmos.

Quando reagíamos nos preocupávamos somente com nós mesmos e terminávamos na angústia de não nos entendermos e de não entender. Quando renunciamos, quando nos fizemos responsáveis, quando aceitamos todos os demais, o mundo, a vida, compreendemos o ser humano em nós mesmos e começamos a encontrar a nós mesmos.

A primeira renúncia foi, então, deixar de fugir, de isolar-nos no desinteresse e na indiferença; parar de pensar em nós mesmos e a partir de nós mesmos, que é a forma de dar as costas a tudo o mais.

Mas não foi suficiente. Embora a aceitação, tal como a descrevemos aqui, signifique um novo estado de consciência, não devemos interpretar que, quando entendemos que devemos aceitar, já temos esse estado de consciência. A aceitação profunda requer muitas aceitações. Não mudamos de estado de consciência e de visão interior tão facilmente. Necessitamos um esforço interior perseverante, uma renúncia permanente.

Começamos, então, a renunciar. Cada renúncia exige de nós uma luta interior, nos é custosa. Como estamos em um estado de consciência positivo medimos o que deixamos, o que perdemos e o que sacrificamos, e o comparamos com o que ganhamos. Racionalizamos nossa mística dentro das colunas de ganhos e perdas. Não nos damos conta ainda de que a função racional se baseia em uma atitude positiva de nossa mente, e que

enquanto não adquirirmos a capacidade de mudar à vontade essa atitude por uma atitude negativa, não compreenderemos o significado da renúncia.

Nossa renúncia é positiva e se concretiza em atitudes extremas: “Se a busca do prazer não leva à felicidade, não quero o prazer. Se a riqueza material não sacia meus anseios, não quero essa riqueza. Se o amor instintivo ou limitado produz apego e encadeia ao temor e à dor, rejeito esse amor”.

A renúncia positiva é verdadeiramente uma espoliação. Vamo-nos desprendendo do que tínhamos e rejeitamos o que antes desejávamos. Se o desejo era a fonte da dor, agora não queremos desejar. Queremos ser livres. Queremos alcançar a felicidade. Queremos alcançar a realização. Queremos a união divina. *Queremos.*

Caímos em um engano. Não renunciamos; deixamos certas coisas porque desejávamos outras. Mas se deixamos um mundo, ainda não encontramos outro diferente. Afastamo-nos do caminho da dor, da ignorância, da confusão e da fuga, mas agora não sabemos onde nos encontramos. Despojamo-nos de falsos atributos, mas ainda não encontramos os reais. Rompemos algumas correntes, mas não alcançamos a liberdade.

No estado de consciência positivo renunciar é deixar, é rejeitar, é despojar-se. É como morrer vivendo. Mas sair daqui é estar lá. Tirar isto é tomar aquilo.

Assim como ao poder medir nossos passos, nossos esforços e nossas realizações temos a sensação de estar avançando –sensação que nos dá segurança– assim também estamos sujeitos às contradições da atitude positiva. Por mais que procuremos, não conseguimos equilíbrio nem tampouco profundidade. A estabilidade interior, quando a conseguimos, é fruto da vontade e não da paz. E se às vezes entendemos, fazemo-lo com nosso intelecto somente; nossas compreensões não têm raízes em nosso interior.

Como ainda não temos um bom domínio sobre nossos movimentos interiores necessitamos estar sempre alerta, e disso deriva nossa atitude quase beligerante. Não conseguimos superar a suscetibilidade, já que permanecem em nós os moldes que a atitude positiva impõe a nossa conduta. O esforço por criar nossa personalidade nos acostumou a uma permanente defesa, que facilmente se transforma em ataque e, às vezes, em provocação. É que nossa finalidade sempre foi ganhar. Ganhar é sentir-nos fortes, é estar seguros, é haver triunfado. Por isso, na renúncia positiva nos medimos e comparamos permanentemente com os demais. Além disso, nos

mantemos em luta, prontos para rejeitar o mau e abraçar o bom. Mas ao mesmo tempo vivemos imersos na aflição, porque não conseguimos subtrair-nos da oscilação entre a alegria e a dor, a esperança e a frustração, os momentos de triunfo e os instantes de fracasso e desespero.

Queremos renunciar, mas nunca o conseguimos completamente. Somos sinceros em nossos propósitos, mas estamos presos aos vaivéns produzidos por nossos pensamentos e sentimentos inconstantes, estamos atados às contingências de nossa luta interior.

Continuamos sendo os mesmos. Deixamos tudo, sacrificamos tudo, mas não conseguimos tocar nosso centro interior. Não arranhamos sequer a casca de nossa personalidade. Nossa renúncia é uma série de renúncias que não nos dão paz permanente nem amor real.

Esta primeira parte do processo de desenvolvimento espiritual é fácil de percorrer. Podemos ser orientados sem dificuldade porque nosso esforço interior é da mesma natureza de nossos esforços exteriores. A luta espiritual assume as mesmas características de uma luta exterior contra um inimigo objetivo, determinado, visível.

Nesta etapa a realização espiritual é um objetivo concreto: o êxtase ou estados interiores *extra-ordinários*, pela prática de exercícios apropriados; a salvação, pela perfeição alcançada através do exercício positivo de todas as virtudes. Estamos na etapa do fazer, da concretização. Nesta etapa desenvolvemos a vontade, que aplicamos na consecução de metas precisas: algo específico que deixamos, que sacrificamos, para conseguir algo mais perfeito.

É bom esforçar-nos para adquirir domínio sobre nossa vontade, porque nos permite melhorar nossos hábitos, como também praticar exercícios espirituais, orar e meditar com assiduidade. Para transformar estas práticas em um hábito, necessitamos ser constantes em nossos esforços e adquirir certo domínio sobre nós mesmos. É fundamental que usemos nossa força de vontade neste primeiro período, porque não será fácil para nós conseguir depois os hábitos que nos ajudam a adquirir um bom domínio sobre nossa mente e nossos impulsos. Mas quando vamos alcançando uma maior compreensão, embora estejamos adquirindo uma visão interior mais integral de nós e da vida, começamos a contar cada vez menos com o poderoso motor do desejo positivo que nos permitia concretizar nossos propósitos.

Na etapa positiva afirmamos nossa personalidade; a renúncia positiva, aparentemente, continua a fortalecê-la. Mas nem por isso temos de pensar que, como o estado de renúncia é negativo, somente poderemos alcançá-lo através de uma via interior exclusivamente negativa.

Se desde o primeiro momento seguíssemos uma via totalmente negativa, seria muito difícil para nós desenvolver a força interior que necessitamos para perseverar em nossos esforços. Como temos consciência de que todas as metas são relativas, essa visão, embora bem ampla, tende a nos tirar a força que necessitamos para alcançá-las. É verdade que desde o princípio necessitamos saber que a renúncia é não ganhar, não ter, não ser; mas na primeira parte de nosso desenvolvimento o não ganhar, o não ter e o não ser se constituem em objetivos concretos que necessitamos realizar através de uma atitude e um esforço positivos.

Sabemos que renunciar é não ganhar; então, queremos não ganhar. Como não podemos evitar que cheguem a nossas mãos os frutos de nossos trabalhos, rejeitamo-los sistematicamente. Essa rejeição, sustentada por um sacrifício interior efetivo, por um esforço de nossa vontade para pôr de lado um a um os bens que não queremos adquirir ou reter, é um movimento positivo objetivo, determinado. Mas vem acompanhado de sofrimento e não de plenitude.

Queremos renunciar, ser livres, e afastamos de nós todo bem que possa nos atar ou travar nossos passos. Não obstante, cada vez que fazemos um ato de desprendimento sofremos, choramos pelo que deixamos e, além disso, não nos sentimos mais livres depois de deixar o que possuíamos. Se nosso estado interior tivesse sido negativo nosso desprendimento teria sido espontâneo, fruto de uma compreensão que transcende o fato de deixar algo; em vez de sofrimento teria produzido em nós uma expansão espiritual.

A atitude interior positiva dá força à vontade, mas tira consciência, ou impede sua expansão. A aplicação positiva da vontade limita nossa visão interior, não nos permite uma compreensão profunda de nós mesmos, de nosso caminho de desenvolvimento, da natureza de nossos anseios espirituais. Apresenta-nos estritamente a ação que devemos executar e nada mais. Sabemos que devemos desprender-nos de algo que ainda desejamos ter, e não sabemos outra coisa nem queremos sabê-lo. Enquanto rejeitamos algo com toda a força de nossa vontade, uma parte de nós continua a querê-

lo. Nesse momento nossa atitude positiva nos impede de ter consciência da extraordinária liberdade da renúncia; não conseguimos nos lembrar que as dores que sofremos foram provocadas pela mesma coisa que desejamos.

Neste período cada ato de renúncia implica uma simples pergunta: se estamos ou não dispostos a nos desprender daquilo a que ainda nos aferramos. Se estamos dispostos e nos desprendemos, triunfamos, sentimos que cumprimos, que demos um passo a mais. Esse sucesso faz crescer nosso entusiasmo e nosso fervor. A fé que vamos tendo em nós mesmos nos ajuda a alcançar o que nos propusemos, mas, ao mesmo tempo, nos afirma na personalidade que queremos transcender. Por outro lado, embora à medida que vamos cumprindo nossos atos de desprendimento sentimos que realmente renunciamos, não podemos evitar o outro polo de toda situação positiva. Nossos triunfos dependem de nosso fervor circunstancial, de nossos estados de ânimo. Assim como muitas vezes cumprimos com fervor nossos propósitos, muitas outras os esquecemos, voltamos a nos fechar e, aparentemente, rejeitamos nosso anseio de liberdade e expansão espiritual. Esta variabilidade faz com que nos sintamos profundamente *des-graçados* e gera em nós sentimentos de amargura e fracasso que nos acompanham durante todo o período positivo, independentemente das conquistas espirituais que possamos estar alcançando.

A sensação de fracasso é, então, também um aspecto da afirmação pessoal. Esta afirmação ocorre tanto através de uma vitória como de uma derrota. Independentemente do resultado circunstancial que alcancemos depois de um esforço, nós o usamos para fixar-nos mais em nós mesmos, para fortalecer mais nosso eu pessoal e separado. Mas esta afirmação, ao colocar em destaque os matizes de nossa personalidade, também a deixa a descoberto. Mostra que nossa personalidade é incapaz de alcançar uma realização interior permanente e transcendente; que ela não consegue escapar do vaivém de seus estados contraditórios. É necessário que nossa personalidade se mostre tal como é para que seu fracasso chegue a ser total e definitivo.

Mas somente nosso eu pessoal pode falar de fracasso. O que chamamos de fracasso é somente o descobrimento dos limites que não podemos passar por meio de ações positivas. O campo das conquistas pessoais é muito amplo, mas tem um fim. Como não podemos alcançar a paz e a plenitude que tanto desejamos, cremos que fracassamos; não conseguimos nos

esforçar mais do que já nos esforçamos. Mas esse fracasso aparente nos conduz para o que, tradicionalmente, se chama de morte mística, a qual nos conduz ao que poderíamos considerar uma ressurreição. O fracasso libera nosso ser interior, que já não depende mais do exercício positivo da vontade.

Ainda que estudemos, entendamos e expliquemos com clareza todos os estados pelos quais temos de passar no processo de expansão de nossa consciência, nossa realidade interior pode ser muito diferente do desenvolvimento que descrevemos com tanta clareza. Entender é necessário porque nos predispõe a um estado de consciência mais amplo; mas embora entender seja um adiantamento, não é uma realização. Por exemplo, muitos de nós falamos de forma excelente da virtude sem tê-la praticado realmente.

Não é bom fazer da mística uma abstração intelectual. A mística é um estado interior nosso; os raciocínios que fazemos sobre ela não implicam que tenhamos experiência mística nem realização interior, e podem nos conduzir facilmente a conclusões falsas.

Esforcemo-nos, então, na realização positiva do desprendimento, das renúncias e das virtudes; mas façamo-lo de tal maneira que possamos descobrir o significado espiritual da renúncia. Ao mesmo tempo em que impulsionamos nosso desenvolvimento interior com nossos esforços positivos, tomemos o cuidado de não transformar meios em fins. Façamos de nossas conquistas positivas somente um meio para nos elevarmos a um estado negativo que nos oriente para um estado de renúncia permanente.

* * *

Na etapa positiva, assim com as virtudes eram dons que pretendíamos alcançar, os defeitos eram imperfeições que tínhamos que eliminar. Mas esses defeitos eram meios que nossa personalidade usava para se afirmar e se desenvolver. Para triunfar em um mundo onde a força é lei e onde a relação humana se transforma em competição, é necessário possuir uma personalidade forte. O amor próprio era o motor da maioria de nossos esforços positivos. A ambição nos impulsionava a lutar e a vencer, nos movia sem nos dar descanso até fazer-nos donos de nossos objetivos. A impaciência, a suscetibilidade, o egoísmo, a ambição e a agressividade eram as ferramentas que nos permitiam progredir e vencer na luta pela vida. E as usamos como armas para nos defender e atacar, como meios que

nos serviam para possuir e acumular. Delas tirávamos a força necessária para agredir e vencer.

Na etapa de afirmação positiva vivemos ao nível da personalidade que adquirimos; a vida é competição, agressão aberta ou dissimulada e, em certos casos, violência. Ter mais, ganhar mais, ser mais, é a lei da vida positiva.

O estado de consciência positivo sempre determina nossos esforços dentro de um sistema de competição. Esta competição não se limita ao esforço para superar outros ou nos destacar em relação a eles, mas também se estabelece entre o que sentimos que somos e o que desejamos ser, entre o que já adquirimos e o que queremos conseguir. A imagem do objetivo é o competidor com quem lutamos; na medida em que se encurta a distância entre o ponto ao qual chegamos e a meta que queremos alcançar, sentimos que avançamos e que nossa vitória se aproxima.

Mas quando a competição é levada a sua máxima expressão, ela destrói as relações que ansiávamos melhorar, vicia o amor e endurece as atitudes. No mundo positivo e competitivo estamos tanto mais sozinhos e desamparados quanto mais numeroso for o grupo ao qual pertencemos: todos somos competidores. E quando estabelecemos a vida espiritual dentro de um estado de consciência positivo nossa luta para alcançar a união divina significa também uma competição, mas agora entre nós e Deus. Ou seja, uma contradição.

Na etapa de afirmação positiva e pessoal, como associamos a renúncia a um estado positivo e queremos possuí-la como um bem concreto, nos encontramos dentro de um paradoxo, em um caminho de contradições. A renúncia, que é nossa nova ambição, nos exige acabar com a ambição. As ferramentas que nos permitiam triunfar como personalidade agora são defeitos que temos de extirpar. Mas esses defeitos são nosso modo de ser: o amor próprio é nosso amor próprio, o egoísmo é nosso egoísmo, a paixão é nossa paixão. *Somos* assim; é nosso estado de consciência.

Na etapa positiva não podemos deixar de nos identificar com nossos pensamentos e sentimentos. Somos o que sentimos e pensamos em um momento determinado. Ser e estar significam, ainda, a mesma coisa, sem que nos demos conta de que *ser* implica permanência e *estar*, transitoriedade: *somos* bons, *somos* maus; *somos* crentes, *somos* ateus; *somos* atrasados, *somos* evoluídos. Ou seja, identificamos nosso ser com

estados transitórios. Esta identificação está tão enraizada que, se mudamos nossas crenças, nós nos consideramos como se fôssemos outras pessoas, com natureza diferente. O infiel, sobre o qual se lançavam todas as culpas e maldições, passa a ser um fiel, dotado de virtudes e prerrogativas.

Quando estávamos, portanto, no estado de consciência positivo, achávamos que devíamos extirpar de nós o que sentíamos que era inseparável de nossa natureza. Acabar com a ambição, com o egoísmo e com o desejo de posse era uma espécie de autodestruição, de suicídio interior. Sofríamos por isso em uma luta que parecia não ter fim. Ainda que conseguíssemos impor nossa vontade sobre nossos desejos, ainda que triunfássemos sobre nós mesmos, sempre restava a sensação de que esse triunfo não era total nem definitivo, que a única coisa que havíamos feito era nos controlar, mas não nos transformar.

E queríamos nos transformar, ser diferentes. Mas será que podíamos consegui-lo? Podíamos eliminar nossa personalidade da mesma forma que removeríamos uma mancha desagradável? Podíamos nos liberar do que tínhamos sido, de nossas experiências, de nossos desejos, das marcas que a vida deixou em nós?

Ajudar-nos-ia compreender que a personalidade é a determinação do ser no estado de consciência positivo.

Não podemos deixar de ser o que somos, mas podemos compreender o que não somos. A personalidade é nosso modo contingente de ser, e somente isso. A partir do estado de consciência positivo, como a renúncia transcende a personalidade, vemos a renúncia como se fosse nossa aniquilação. Mas a partir da consciência profunda de ser, vemos que a identificação com uma personalidade é a negação de nossa individualidade.

Ao considerar a individualidade temos que ter o cuidado de não confundi-la com individualismo. O individualismo é uma consequência da personalidade, e é a manifestação de sua separatividade. O individualismo, na linguagem Ascético-Mística, é oposto à participação. Somente podemos ser individualistas quando nos identificamos com os produtos de nossa personalidade.

Podemos dizer, então, que individualidade é a negação afirmativa do ser. Quando renunciamos a nossa personalidade nos afirmamos em nossa individualidade. Afirmamo-nos negativamente em nosso ser em vez de identificar-nos de forma positiva com seus atributos.

Na etapa da renúncia positiva, quando compreendemos que necessitamos renunciar a nossa personalidade, queremos destruí-la. Mas não tem sentido pensar em destruir a personalidade; isso não é possível. Toda expressão do ser na vida determina uma personalidade. Mas quando não nos identificamos com ela, a personalidade perde seu caráter positivo, composto e inconsciente, e se transforma no que deve ser: um ponto de apoio através do qual a consciência se torna vontade e o pensamento se torna obra.

A Morte Mística

Na etapa da renúncia positiva estamos presos dentro dos pares de opostos de ganhar e perder, de possuir e deixar. Vemos claramente em nosso interior o mal que devemos rejeitar e o bem que devemos alcançar. Mas esta primeira etapa não constitui um estado de consciência homogêneo, depois do qual nos elevamos a outro diferente. Em todas as etapas de nosso desenvolvimento temos instantes de expansão espiritual e de compreensão interior próprios de estados mais elevados; as diversas etapas se diferenciam pela característica que mais prepondera nelas. No primeiro período de nosso desenvolvimento, que chamamos *estado de consciência positivo*, predomina a atitude positiva e o exercício positivo da vontade.

Mesmo quando limitamos a vida espiritual à prática positiva das virtudes, nossa vontade de renunciar não pode deixar de dar frutos interiores que chamamos de negativos. Vamos nos abrindo através de um estado de participação que nos une interiormente com os seres, com o mundo e com a vida em uma expansão progressiva que nos revela de forma paulatina o sentido espiritual do divino. Mas como ainda predomina em nós a atitude positiva, o mundo e a vida se nos mostram principalmente em seus aspectos extremos de dor, angústia, destruição e desespero.

Assim como antes sentíamos que estávamos fracassando em nossa tentativa de alcançar uma perfeição pessoal, da mesma forma agora nos sentimos impotentes diante do mal e da dor que se nos revelam por todos os lados e que não sabemos como eliminar ou aliviar. O mal de fora vai entrando em nós e vai se tornando nosso mal. Pouco a pouco vamos deixando de diferenciar nossa dor da dor geral. Nosso sofrimento, que antes se encontrava circunscrito aos estreitos limites de nossa pessoa, agora se transformou na dor do mundo que se manifesta em nós através de nossa dor.

Queremos fazer algo positivo e concreto, mas sabemos de antemão que nossa ação, mesmo a mais excelente que pudéssemos fazer, perder-se-ia dentro do mar de confusão e violência que nos rodeia. Nossa impotência nos faz amar cada vez mais os seres, nos une a eles. Amamo-los em seu desamparo, pela sua dor e em sua dor. O fato é que nós também nos sentimos desamparados; já não conseguimos mais nos apoiar em nossa fé positiva. Damo-nos conta de que nossa fé tinha sido a mera adesão

superficial a uma crença por parte de uma personalidade sem maior consciência. Paradoxalmente, agora que descobrimos um sentido mais puro do divino em nosso interior, sentimos como se já não pudéssemos mais crer. Na verdade, nosso crer está se transformando em um saber, mas tão profundo que ainda não o sentimos como um apoio. Por isso, ao sentimento de fracasso por não haver podido alcançar a plenitude interior e a compreensão que tanto buscávamos, agora se agregam os de desolação, impotência e desespero por não poder ajudar os seres, por não poder transformar a condição do mundo em que vivemos. Antes acreditávamos ter fracassado somente em nosso interior; agora somamos a isso a sensação de fracasso exterior.

Sentimo-nos inúteis. Não sabemos o que fazer. Gostaríamos de morrer se nossa morte servisse para salvar os seres humanos, tirá-los do poço de ignorância e confusão no qual os vemos submergidos. Mas não conseguimos evitar pensar que nossa morte seria somente outra morte a mais em um devenir que transforma a vida em uma morte contínua. Nossos olhos veem a vida e o mundo por detrás dos cristais da dor e da impotência. Sentimos impulsos de lançar-nos a uma ação desesperada, em nosso angustiado esforço para fazer algo. Imaginamos soluções, tecemos planos; pensamos nos seres humanos, pelos seres humanos. Não obstante, comprovamos dolorosamente todos os dias como os seres humanos nos dão as costas, nos ignoram, até mesmo nos desprezam, como em uma zombaria cruel e torturante.

Olhamos doloridos ao nosso redor: buscamos alguém que compreenda. Não nos interessa que nos compreendam –não somos ninguém, não contamos–; queremos encontrar alguém *que compreenda*. Estamos sós. Sós por dentro. Sentimo-nos isolados, excluídos. E nessa absoluta solidão começamos a nos revelar a nós mesmos.

Deixamos tudo; não conservamos nem um só de nossos triunfos; nenhum de nossos laços deixou de ser quebrado. Mas nós continuamos estando. Persistimos.

A vontade de nos desprender, ao nos liberar de bens e atributos, levou-nos ao miolo de nossa personalidade. Por isso cremos que já esgotamos as possibilidades do caminho interior. Provamos a posse e a pobreza, a saciedade e a privação. Oramos, rogamos, choramos, esperamos. Sofremos e nos desesperamos. Já aceitamos o mundo e a vida; continuamos a aceitá-los.

Mas nos rebelamos diante da dor consequente. Não aceitamos que não haja saída –*nós* não vemos nesse momento nenhuma saída–. Gostaríamos de desaparecer, de não ser. Não conseguimos. Quanto maior é nossa dor, mais *nós* somos. Nossa angústia afirma ainda mais nossa personalidade. Somos, cada vez mais, *nós*, com nossa dor, com nossas perguntas, com nossa obscuridade.

Repetidas vezes nos perguntamos sobre o que fazer. Chegamos no fim do caminho positivo sem encontrar paz nem respostas. O caminho positivo nos permitiu fazer-nos donos do que queríamos e deixar o que não queríamos. Possuímos nossos triunfos e nossas quedas. Possuímos interiormente os seres e o mundo. Vivemos sua dor e sua angústia de forma possessiva. Possuímos as virtudes e com elas o bem positivo. Quisemos nosso céu, e para isso quisemos nossa renúncia. Possuímos a renúncia como se fosse uma coisa a mais. Mas no fim do caminho positivo de posse e de afirmação estava nos esperando nossa própria imagem, mais firme, mais enraizada do que nunca.

Agora sofremos:

Eu sofro.

Queria morrer, mas não me engano mais: o desejo de morrer é uma fuga. Não encontro novas luzes que me guiem em meu caminho interior. Queria voltar atrás, atar-me novamente, submergir-me na inconsciência, voltar a meu credo de posse, a reverenciar o gozo; queria vendiar meus olhos e encobrir meu coração com as já desgastadas ilusões.

Mas será que posso voltar? Posso voltar a tomar o que deixei voluntariamente porque com isso não conseguia obter a felicidade pela qual ansiava? Posso voltar a me enganar, voltar à pose, ao artificial, ao ilusório? Voltar a me empanturrar com bens e prazeres que já não valorizo mais?

Pode-se voltar atrás de uma compreensão, de um despertar, como quem desanda um caminho? Posso deixar de ver o que vejo, não sentir o que sinto, não amar como amo? Será que posso voltar a me limitar em um amor egoísta, a enredar-me na mentira, na simulação? Voltar para onde? Para o quê?

Não há escapatória. A saída que eu buscava era uma escapatória. E já não quero mais fugir.

Mas tenho medo. Medo do vazio. Busco avidamente algo onde possa me agarrar; não o encontro. Minhas forças vão se gastando. Quero estar só.

Descansar. Esquecer. Fechar os olhos e afastar-me de minha própria imagem, de mim mesmo. Esquecer que existo, que sou, que busquei algo, que quis ser.

Ainda que o desejo não tenha desaparecido em mim, algo começa a ceder em meu interior. Começo a aceitar tudo de uma forma mais profunda. Já não confundo mais aceitação com resignação. Minha aceitação antes era uma conformidade com o inevitável. Agora é dizer sim. Um sim total, integral, que nasce da mais profunda obscuridade de meu ser. Todo meu ser é um sim.

Digo, então, sim. Sem pedir, sem esperar, sem imaginar. Pela primeira vez.

Entrego-me.

Já não quero nada: nem possuir nem deixar; nem saber nem não saber. Minha busca de paz e de felicidade se me aparece como uma ilusão vã. Como pude desejá-las assim, para mim? Já não quero nada. Minha vontade se rende; não há objetivo sobre o qual possa aplicá-la positivamente.

Sem compreender cabalmente o que está me acontecendo, começo a submergir-me em um estado interior novo, diferente. É como se já nada mais me chamasse atenção nem me impulsionasse a me mover. Estou aí, quieto. Não tenho nada. Não busco nada. O desespero que antes me oprimia transformou-se em um peso, quase doce, em meu coração. Sinto-me longe de tudo e de todos. Estou sem nada. Vazio. Em um vazio cinzento, como em um mar de tristeza.

Começo a morrer misticamente.

Quando deixei de desejar foi como se tivesse deixado de ser. O desejo me dava vida. Não era a posse do objeto, mas o desejo, a força do querer, que me dava a sensação de estar vivo. Mas ao desejar vivia esperando. E, ao esperar, identificava a vida com o transcorrer do tempo. Agora que não desejo vivo como se estivesse morto.

Para mim, a vida era como uma linha traçada pelo desejo em busca de algo. Viver era andar, percorrer, alcançar, lutar, para ter. Era ganhar e perder, correr e parar. A vida era competição, luta. Amar era sentir com força, emocionar-me, sofrer, agarrar, possuir. Lutar era violência, ódio, agressão, ou destruição e triunfo. A vida era um fato positivo, sensível, concreto.

Agora me sinto como morto. Para onde ir se já não busco nada? Que triunfo espera aquele que perdeu a ambição? Meu olhar, triste e desolado, suspenso entre o céu e a terra, não encontra ponto de apoio onde se segurar nem colo

onde me consolar. O que posso esperar quando nada quero? Os trabalhos que antes me entusiasmavam tornam-se uma rotina árida e pesada. Esforço-me por costume; vivo apoiado em hábitos que adquiri na etapa positiva e que são os únicos pontos em que posso me apoiar. A renúncia e a oferenda são meu modo de ser; não posso ser diferente. Por isso, não me sinto virtuoso nem dou grande valor à vida extra-ordinária que vivo; sou assim.

Estes estados poderiam levar a pensar que estamos sofrendo de um desequilíbrio interior, como se tivéssemos caído em uma atitude de desesperança definitiva, em uma espécie de desengano total da vida e do mundo. Por isso é importante poder diferenciar o verdadeiro estado místico dos desequilíbrios ou das fantasias subjetivas. Quanto mais avançamos no caminho místico, maiores são nosso equilíbrio e nossa estabilidade interiores, mais claro é nosso discernimento e mais sensatas nossas atitudes. Não confundimos nossas experiências espirituais, que são íntimas, com as obrigações e responsabilidades que, como toda pessoa, cada um de nós deve cumprir no mundo. Quanto mais profunda é nossa mística, maior é nossa eficiência prática, nossa dedicação ao trabalho e mais harmoniosa a relação que temos com os demais. Mas, além disso, há um sinal que nos ajuda a discernir: quem sofre de um desequilíbrio interior traduz sua insatisfação em egoísmo, em isolamento, em um desinteresse cada vez maior pelos seres, pela vida, pelo mundo; desinteressa-se da sociedade. A mística, em troca, faz com que nos sintamos cada vez mais comprometidos, que estendamos e aprofundemos nosso sentido de participação. A partir deste ponto de vista, renunciar é triunfar sobre a indiferença.

Participamos na vida, então, de um modo ativo e permanente. É verdade que sofremos um grande vazio interior, mas ao mesmo tempo palpita em nós um amor cada vez mais profundo aos seres, à vida e ao mundo. Apesar de nos sentirmos sós e vazios, apesar de já não desejarmos nem buscarmos nada, participamos. Participamos com todo nosso ser, mas negativamente, sem paixão nem desejos pessoais. Nossa participação é a expressão de nosso amor, cada vez mais profundo. Ao mesmo tempo que estamos integrados aos seres e à vida através de nossa participação e sofremos e nos alegramos com eles, há algo em nós que não se move. No mais profundo de nosso ser permanecemos quietos, como se estivéssemos mortos.

Mas não nos damos conta do caráter extraordinário de nosso estado interior. Como nossa participação não se apoia em ações nem em emoções positivas,

não nos sentimos mais unidos com os seres, com o mundo, com o divino, apesar de já o estarmos profundamente. Quando sofremos, é por falta da sensação positiva própria da atitude pessoal. À medida que nosso amor vai se tornando mais interior, vai deixando de expressar-se através de fortes emoções, e nos movemos emotivamente cada vez menos. Então cremos que sentimos menos. Presos à recordação dos estados positivos, cremos que amamos menos porque sentimos menos quando, na verdade, vamos tornando nosso o dom do amor.

Na etapa positiva as emoções eram fortes, definidas. A devoção era ativa. Orar era dizer orações; amar era sentir uma emoção; sofrer era chorar por algo. Era o período dos passos seguros, dos atos heroicos, das virtudes concretas. O terreno que pisávamos era sentido sempre firme debaixo dos pés. O fervor era uma força interior que surgia incontida, e o amor arrastava para o sacrifício violento e até cruento.

Tudo ficou para trás, como o passado que se tenta recordar, pensando se terá existido realmente.

Agora estamos quietos. Sofremos e amamos, mas de outra maneira. Nós mesmos não sabemos quanto sofremos nem quanto amamos. Não pensamos nisso. Não medimos, não pensamos; estamos. Começamos então a descobrir um mundo interior mais profundo, o dos estados espirituais negativos.

Experimentamos a morte mística como uma verdadeira morte: quando termina o desejo, é como se morresse a personalidade que adquirimos. Esta continua e seguimos nos expressando com ela, mas sem determinar-nos nela, o que muda nossa maneira de sentir o que somos e o que fazemos. A morte mística nos deixa uma extraordinária liberdade e paz interiores que permanecem em nós para sempre.

Negação Afirmativa

O descobrimento de nosso mundo interior, de nossas dores e necessidades, o anseio de fazer algo pelo mundo, o desespero pela impotência que sentimos ao medir-nos com os problemas que queremos remediar, não são estados que experimentamos unicamente na morte mística. É normal que sintamos a dor dos demais e queiramos fazer algo para remediá-la. Esse desejo nos move a realizar obras de bem e impulsiona nosso adiantamento rumo a novas vias de desenvolvimento. Mas na morte mística a dor e a condição humana são sofridas de tal maneira que se perde a distinção que separa minha dor da dor do outro, minha vida de sua vida, ou da vida.

O desespero por sentir-nos impotentes diante do sofrimento humano é um estado de participação; não devemos confundi-lo com o desespero que às vezes experimentamos quando as coisas não são como desejamos. Neste caso, o desespero nos encerra em nós mesmos, nos isola. Em troca, na morte mística, a dor nos expande interiormente como se dentro de nós vivessem todos os seres humanos.

Até agora dividíamos o mundo entre os bons e os maus, os que sofriam e os que faziam sofrer. Agora vivemos uma dor que está para além da separatividade. A injustiça e a dor exteriores são, para nós, somente o reflexo de um estado de angústia que descobrimos em um nível muito mais profundo que aquele no qual comumente estabelecemos os problemas. Nossa dor nasce de uma tomada de consciência, cada vez mais profunda, do que significa viver neste mundo, ser um ser humano. É uma dor pela obscuridade, pela *des-graça* da condição humana; é a dor de não ser, enquanto não ser signifique ausência de Deus.

Mesmo quando tivermos sido iluminados por compreensões transcendentais, mesmo quando de acordo com nossa medida estivermos salvos, tudo isto é como nada para nós neste momento porque não é um bem de todos os seres humanos.

Ao participar com todos os seres sentimos nossa experiência e compreensão como algo accidental na vida da humanidade, algo quase estranho a nós mesmos. Como se todas as experiências anteriores pertencessem a outra pessoa, a *uma* pessoa. Porque agora *somos-em-todos-os-seres*. E ao *ser-em-todos* vivemos a obscuridade e a dor da condição

humana, do ser que não é, que não sabe, que vive às cegas um destino que não lhe mostra uma finalidade, um sentido evidente.

Nossa personalidade perdeu o alento do desejo. O afã desapareceu. Os movimentos interiores se aquietaram.

Na etapa positiva as emoções eram claras e definidas. O entusiasmo, a angústia, o prazer e a dor eram os picos nitidamente delineados dos estados sensíveis. As emoções eram fortes, consequência da polaridade dos estados interiores. Mas agora sofrer e amar é quase o mesmo para nós; a diferença entre a alegria e a dor é somente de matiz.

Assim como na etapa positiva nossa vida era principalmente exterior e se determinava em atos, agora nossa vida é interior e se expressa em estados. Os diversos estados espirituais que experimentamos depois da morte mística se diferenciam cada vez menos uns dos outros, até que chega o momento em que se transformam em um estado único e simples.

Antes nos identificávamos com nosso fazer, agora o fazemos com nosso ser. Por isso, ao falar de estados, não os devemos entender como diferentes modos de ser que mudam no tempo, mas como matizes de uma consciência cada vez mais simples.

Nossa fixação interior torna-se cada vez mais permanente. A paz desse estado flui a partir de estratos mais profundos e abre caminho rumo ao nosso mundo interior, no qual nos vamos habituando a penetrar e a nos fixar nele. Descobrimos assim um novo âmbito: o meio interior. No meio interior voltamos a descobrir tudo. O divino, a vida, os seres, o mundo, adquirem novas dimensões e significados, tão profundos que não conseguimos traduzi-los para a linguagem habitual.

O meio interior está, é claro, além da polaridade interior-exterior. Essa vida que antes acreditávamos ser nossa vida interior e que identificávamos com nossos pensamentos, anseios e emoções, mostra-se para nós como uma mera casca que encobria a vida que agora descobrimos em nosso meio interior. Embora não possamos parar os movimentos de nossa mente e de nosso coração, ao assentar nossa consciência de ser em um nível mais profundo, a sucessão de pensamentos e sentimentos se nos revelam como os produtos superficiais de nossa mente e de nosso coração, e já não turvam nossa paz nem alteram nossa vida interior.

Ao alcançar profundidade adquirimos equilíbrio e, pouco a pouco, também sabedoria. Ao não sermos arrastados pela imaginação e pela emotividade, mantemos uma serenidade que nos permite discernir e saber.

A renúncia a ser positivamente é ser. Não se pode dizer que é ser negativamente, porque embora o estado de renúncia se expresse em uma contradição entre ser e não ser, esta contradição é somente aparente. O ser não é, unicamente se o relacionamos com sua atual expressão positiva: a personalidade adquirida. Mas esta relação não pode deixar de ser superficial e contingente. A vida do ser é *ser-não sendo*, que se expressa em um *não ser-sendo*.

Ser-não sendo define a consciência espiritual que temos de ser em si, diante da qual todas as expressões positivas de nosso ser se mostram como se fossem ilusórias e irreais.

Não ser-sendo define o polo ativo dessa consciência de si, que ao afirmar-se positivamente em atos concretos e definidos, em uma conduta e uma ética, os vive em toda a sua contingência, mas sem perder por isso a consciência de ser. Como esta consciência se opõe relativamente a toda determinação positiva, aparece para a compreensão racional como não ser.

O estado de renúncia, então, não é uma atitude positiva que nega um valor para realçar outro, mas um estado de reversibilidade. Ao negar não separa nem exclui, mas compreende e integra. Ao afirmar não limita, mas faz da concretização um meio de expansão e participação, que sempre se traduz em uma amplificação do estado de consciência.

Agora temos uma segurança imutável. Nosso apoio já não é a estrutura edificada com bens e posses; tampouco é o fruto de nossas ações nem provém de nossos triunfos e conquistas pessoais. Nosso apoio é negativo: nossa liberdade no que se refere a todo apoio. Liberdade que nasce de nossa renúncia; de não ganhar, não ter, não ser.

IV. DA ORIENTAÇÃO ESPIRITUAL

A Orientação Espiritual

Se ao longo de nossa vida fomos afortunados, o mais provável é que nos sintamos civilizados. Recebemos a educação, a instrução e a capacitação que nos permitem satisfazer nossas necessidades e as daqueles que dependem de nós. Temos uma visão de nós mesmos e da vida que nos faz sentir seguros sobre o que pensamos e opinamos. O que mais podemos desejar?

No entanto, é frequente que mesmo aqueles que têm muito mais do que poderiam necessitar não se sintam felizes e busquem meios para não pensar, para não questionar nada, para esquecer as deficiências e as carências do que chamamos nossa civilização. Isto nos leva a perguntar: em que medida somos civilizados? Que estado de consciência teríamos que ter para nos considerar civilizados?

É provável que séculos atrás também nos tenhamos sentido civilizados. Em cada época e lugar nos amoldamos à cultura e às ideias do momento e com isso já nos sentimos seguros de saber quem somos, qual é nosso lugar na vida e quais os objetivos que temos que realizar. Estamos tão acostumados a nos sentir bem com a nossa maneira de pensar e de agir que não nos alarma nem escandaliza contemplar nossa história de guerras, matanças e horrores que não deixaram de acontecer desde que temos notícia, e que continuam a acontecer.

Também não nos alarmam as crescentes desavenças entre pessoas que dizem se amar, os mútuos abusos físicos e psicológicos, os desentendimentos entre setores da mesma cultura nem as agressões entre grupos que exibem cada um sua verdade.

Por isso, como nos sentimos tão seguros, nem sempre compreendemos a ideia de orientação espiritual. Talvez a confundamos com propostas para mudar de crença ou de ideologia, ou a sintamos como um tema que não está relacionado com nossos propósitos na vida.

Mas ainda que nos sintamos seguros e pensemos que não necessitamos mais orientação do que aquela que já temos, não podemos evitar os abalos interiores que sofremos quando vemos que a vida está se indo, que o que alcançamos não nos dá a plenitude que ansiamos, que não estamos a salvo de infortúnios por mais que nos protejamos.

É verdade que progredimos como humanidade no que se refere a nossos direitos e liberdades, e que avançamos notavelmente em conhecimento e tecnologia. Mas enquanto contemplamos esses avanços não visualizamos grande adiantamento nas relações humanas nem em nossa habilidade para evitar, ou ao menos superar, conflitos pessoais ou sociais, tampouco para conseguir sentir-nos plenos e felizes. Além disso, independentemente da maneira como pensamos, cada um de nós enfrenta os mesmos desafios diante do mistério da vida e de nosso destino.

Acreditamos que a forma de responder a esses desafios é expandir nosso estado de consciência. Este é o propósito da orientação espiritual.

Em outras palavras, a orientação espiritual nos ajuda a dar sentido a nossa vida.

É bom lembrar que na orientação espiritual partimos de um equilíbrio psicológico considerado normal; se tivermos transtornos patológicos de personalidade, teremos que tratar estes transtornos com profissionais idôneos. Embora o orientador necessite ter uma boa base de conhecimento psicológico para poder compreender aqueles que o consultam, não dá tratamento psicológico.

Do Orientador Espiritual

A experiência ensina que por mais extraordinários que sejam nossos dotes particulares e por mais intensos que sejam nossos anseios espirituais, para realizá-los necessitamos de uma sábia orientação espiritual.

Alguns confundimos realização espiritual com erudição em temas do espírito. Conhecer diferentes doutrinas e pontos de vistas no que se refere à vida e ao mundo amplia nossa visão das coisas e nos torna mais abertos aos que pensam diferente de nós. Mas essa relativa abertura não expande de forma significativa nosso estado de consciência. Se nos restringimos somente ao que lemos ou aprendemos, depois de muito tempo e estudo nos encontramos no mesmo ponto do qual partimos. Sabemos mais, indubitavelmente, mas espiritualmente não mudamos.

Outros praticam exercícios mentais porque pensam que dessa maneira alcançarão a realização espiritual pela qual anseiam. Alguns poucos adquirem, com grande esforço e tenacidade, certas faculdades psíquicas ou capacidade de concentração. Mas estas realizações não são suficientes para ter maior compreensão de nossos problemas, aspirações e possibilidades.

Outros dedicam-se à prática de orações e mortificações. Embora a devoção nos mantenha conscientes de uma realidade superior e as mortificações feitas por amor nos induzam a participar e aumentem nosso autocontrole, se nos limitarmos a efetuar somente essas práticas não alcançaremos um desenvolvimento apreciável em nós. São numerosos os exemplos de pessoas muito devotas e mortificadas de acordo com suas crenças, mas intolerantes e até mesmo cruéis com aqueles que não comungam com seus dogmas.

Sem uma sábia orientação espiritual é sumamente difícil desenvolver-nos.

Quando procuramos orientação espiritual é bom que reflitamos sobre por que a buscamos. Às vezes a confundimos com um meio para solucionar nossos problemas pessoais. Mas se buscamos soluções para nossos problemas pessoais somente necessitamos um bom conselheiro, que não necessita ser necessariamente um orientador espiritual.

O conceito de desenvolvimento interior e de realização espiritual muda conforme as épocas e as pessoas. Cada etapa de nosso desenvolvimento implica experiências que, ao dar-nos uma visão cada vez mais ampla do

mundo e da vida, fazem com que nossas ideias anteriores pareçam antiquadas. Isto pode nos levar a supor que quando descobrimos uma via de desenvolvimento começamos um novo caminho quando, na verdade, trata-se de uma nova etapa do mesmo caminho.

Na orientação espiritual aprendemos o que podemos fazer para estimular nosso desenvolvimento, o qual não exige grande quantidade de conhecimentos nem condições pessoais extraordinárias. Somente necessitamos disposição interior, meios adequados e uma adequada orientação.

Para desenvolver-nos necessitamos seguir um método apropriado. Embora todos estejamos em um processo de desenvolvimento, cada um tem características particulares. Se estas não forem respeitadas se enquadraria todos dentro de esquemas rígidos dos quais depois dificilmente conseguiriam se liberar. Cada um necessita seu método, seu ensinamento: uma orientação individual.

Embora aquele que orienta nesse processo estude em livros e nas almas, sabe que a boa vontade e um pouco de leitura não são suficientes para dar orientação espiritual. A erudição ajuda, mas não substitui o saber que somente se alcança quando se expande a consciência e se transcende a si mesmo, quando se renuncia a objetivos pessoais, quando não se espera uma recompensa pelos trabalhos que se realiza, quando a vida é um contínuo dar-se às almas. Isto é o que encontramos no orientador espiritual, além de outros traços que o caracterizam.

Por exemplo:

- Trata a cada um como se fosse único.
- Dá conselho somente quando lhe é solicitado de forma expressa.
- Não se apresenta como um exemplo a ser seguido; não fala de si mesmo, de sua história, de suas circunstâncias nem de suas possíveis realizações.
- É comedido em sua forma de relacionar-se. Quando nos fala o faz com clareza e poucas palavras, para que suas ideias ou conselhos não se diluam em um mar de considerações.

- Respeita nossa liberdade interior. Faz-nos sentir que somos livres para escolher o que queremos fazer com nossa vida, aonde queremos chegar.
- Não nos critica quando tomamos decisões diferentes daquelas que possa nos ter aconselhado.
- Não se deixa levar pela raiva nem por considerações pessoais quando não aceitamos ou discutimos o que nos diz; não fere com suas palavras.
- Não corrige ou reprova aqueles que não concordam com seus ensinamentos ou não buscam seus conselhos.
- Não faz diferença entre as pessoas.
- Não compara uns com outros nem usa a competição pessoal como um meio para estimular nosso adiantamento.
- Não nos força a falar sobre o que não desejamos comentar.
- Não comenta o que lhe confiamos.

A relação entre aquele que dá orientação espiritual e aquele que a recebe está além das limitações próprias da amizade comum; nela não cabem o egoísmo, a suscetibilidade, a competição nem as preferências. Tampouco influi nela a emotividade, sempre variável. A orientação somente pode ser equilibrada, sábia e segura quando não é afetada por fatores pessoais, tanto por parte do orientador como por parte de quem recebe orientação.

O orientador nem sempre necessita que lhe falemos sobre nós para nos conhecer. Mas nós necessitamos abrir-nos a nosso orientador para conhecer-nos. Mas este não nos pressiona para que o façamos. Não dar atenção a quem busca orientação é tão mau como dirigi-lo em excesso. Se não é ajudado no momento oportuno, se detém. Se é orientado em demasia, trava-se seu desenvolvimento.

O orientador espiritual dá a cada um seu pão, como o necessita, quando o necessita. Sustenta quando é necessário ajudar; solta quando é preciso voar.

O orientador espiritual ensina que cada um necessita descobrir sua vocação e que, para realizá-la, deve perseverar nela até o final. Sabe que no desenvolvimento espiritual não há atalhos suaves, que sem um esforço constante não há conquistas reais. Ensina que o bem espiritual se alcança através de renúncias, esforços, paciência e perseverança.

O orientador espiritual ensina sabiamente o caminho da renúncia. Não nos despoja dos apoios que necessitamos; pelo contrário, nos sustenta e estimula, mas seu estímulo é somente espiritual, não recorre a promessas de recompensas.

Todo esforço dá um fruto, mas o fruto não é uma recompensa; é somente uma base mais ampla que permite expandir o significado do objetivo que perseguimos, até que desaparece como uma meta e se transforma em nosso estado interior.

É comum supor que é preciso instruir permanentemente através de palavras e isto induz a falar muito, mas este falar excessivo nem sempre responde às necessidades das pessoas que buscam orientação. O orientador espiritual sabe que poucas vezes se influi somente com palavras. A palavra só obtém seu poder do exemplo de vida, da pureza da intenção e da força espiritual que emana do amor daquele que a diz.

Na orientação espiritual necessitamos o conselho oportuno e a palavra justa. No momento apropriado, a compreensão iluminará nossa mente, mas geralmente o faz de outra maneira, não com palavras, mas com uma visão mais ampla daquilo que nos preocupa ou daquilo pelo qual ansiamos.

Quando necessitamos conselho nossa mente nem sempre está nas melhores condições para compreender os fundamentos ou as razões que se possam arguir para fundamentá-lo. O orientador espiritual tenta nos aconselhar na forma mais clara e estrita possível, para que não nos restem dúvidas a respeito do que nos convém fazer. Em outro momento, mais oportuno, virão as razões e as considerações, se as necessitarmos para compreender a situação que gerou nosso pedido de conselho.

O orientador espiritual não nos força a acreditar no que não compreendemos ou no que nossa mente rejeita. Simplesmente nos limpa o caminho para que conheçamos como somos e por que pensamos como pensamos. Quando aprendemos a pensar por nós mesmos nos liberamos de preconceitos e compreendemos.

Quando o orientador dá conselhos não costuma acompanhá-los com considerações doutrinárias ou morais; não transforma a orientação em uma cátedra de doutrina nem confunde sua orientação com um ensinamento. As pessoas podem aprender muitas doutrinas, mas o que esperam de seu orientador espiritual é que este lhes ensine a viver, a se conhecer, a transcender suas limitações e a realizar sua vocação.

Por isso, embora o orientador espiritual tenha sua concepção da vida, dos seres, do divino, ele não transmite suas ideias como se fossem a verdade última nem como um dogma que se deve aceitar e nele crer. Ele somente dá os pontos de apoio indispensáveis para que cada um descubra através de sua própria experiência o alcance da orientação que recebe.

A visão da realidade não pode ser transmitida como se fosse um conhecimento a mais. Somente se pode ensinar o caminho que permite a cada um compreender por si mesmo sua situação na vida e no mundo. Tomemos cuidado com a tendência a considerar como verdade absoluta a última compreensão que alcançamos, para não transformar nossas compreensões relativas e limitadas em dogmas definitivos.

O orientador espiritual não força a crer em uma ideia determinada. Sabe que não se pode prescindir da tradição, da história nem da experiência, mas cuida para que não se transforme em dogmas os ensinamentos que transmite. Somente ensina como verdadeiro aquilo que é evidente e irrefutável, e como possibilidade aquilo que cada um tem de corroborar por si mesmo, através de sua experiência.

O orientador espiritual não tem ideias prévias a respeito de como cada um é, o que deve fazer, o que necessita. Não existem duas pessoas iguais. Cada uma tem seu modo de viver, de se esforçar, de realizar; cada uma tem seu próprio ritmo e necessita uma orientação particular.

Cada um de nós vive em um estado de consciência e sofre experiências que, embora possam já ser conhecidas por outros, para nós são exclusivas. Ainda que o orientador espiritual tenha uma grande intuição e possa apreciar de antemão o estado interior de uma pessoa, somente chega ao conhecimento completo da mesma escutando-a com amor, participando com ela.

O orientador espiritual não fica preso nos processos interiores daqueles a quem orienta. Se não fosse assim, suas emoções influiriam em seu discernimento e nem sempre poderia orientar com sabedoria. Ele se mantém atento às características daqueles que recebem sua orientação; somente assim pode ajudá-los. É sumamente difícil corrigir tendências derivadas do temperamento. O orientador as torna conscientes em nós para que as equilibremos, as transmutemos ou saibamos suportá-las.

Ainda que o orientador espiritual nos ensine desde o princípio como é o processo de nosso desenvolvimento e a natureza de nosso objetivo

espiritual, não pretende que nos apoiemos somente nessas considerações gerais. Ensina, especialmente, o trecho que podemos percorrer neste momento, e assim sucessivamente.

Falar em termos absolutos, dar definições em certo modo dramáticas dos seres, da vida, da vocação, é fazer uma teoria de um fato tão simples como é viver.

O orientador espiritual tampouco guia por caminhos extremos. As mortificações físicas extraordinárias poucas vezes resultam em algum desenvolvimento. Isto não implica, é claro, que ele recomende uma vida regalada ou a satisfação de todos os apetites. Ele nos ensina a ser conscientes de nossos movimentos interiores e a obedecer somente àqueles que promovem nosso desenvolvimento.

Alguns creem que para alcançar a realização espiritual é necessário castigar a personalidade adquirida. Este método ajudou a muito poucos e deixou em muitos feridas profundas das quais eles dificilmente conseguem se recuperar.

O orientador espiritual nos ensina a ser intransigentes com nós mesmos, mas tolerantes com os demais. Esta fórmula, inversa àquela que hoje é comum na sociedade, demarca um caminho claro de autodomínio interior.

Às vezes, quando nos desagrada a orientação que recebemos porque não apoia o que estamos desejando, buscamos conselheiros mais complacentes. Esta conduta não dá bons resultados; o orientador não pretende nos obrigar a fazer o que não queremos fazer, somente busca despertar nossa consciência; está em nós responder ou não ao que sabemos. Somos livres para renunciar por amor àquilo de que não abriríamos mão pela força.

O orientador espiritual nos ensina a não viver esperando.

Como é natural que cada um espere que se cumpra aquilo pelo que anseia, não nos é fácil não viver esperando o momento em que possamos recolher os frutos de nossos esforços para nos desenvolver. Não podemos evitar a noção de simetria da existência; cada ação produz uma reação que a equilibra. Então, nossas renúncias "devem" nos dar como consequência uma felicidade que teríamos que experimentar de alguma maneira.

O desejo de alcançar algo, de chegar a uma meta, nos mantém presos dentro da rede do tempo. Esperar a recompensa por nossas renúncias seria perder os frutos dessas renúncias.

Quando reduzimos a renúncia a uma série de mortificações necessárias – em nosso entender– para alcançar a paz e a felicidade, não chegamos nem à paz nem à felicidade. Então, apesar do adiantamento que pudéssemos ter alcançado, nos desiludimos, nos sentimos frustrados. Como não obtivemos o que esperávamos conseguir, olhamos para trás, lamentando o que deixamos, o que perdemos. A frustração alimenta em nós o egoísmo e nos leva a fechar-nos em nós mesmos e a tentar reviver em nossa fantasia sonhos impossíveis.

O orientador espiritual nos ensina que a realização espiritual não chega no fim de uma vida de mortificações; não é a compensação sobrenatural de uma ascética natural. Também ensina que não alcançamos paz e felicidade depois de rejeitar todo desejo, mas quando não desejamos.

Não nos privamos de algo para conseguir outra coisa melhor. O que podemos conseguir dessa maneira não difere, em essência, do que já temos.

Ao renunciar não nos privamos; nossa renúncia não nos espolia como sentimos que o faz a morte ou a desgraça. Renunciar tampouco é mortificar-nos. Ainda que no caminho do desenvolvimento a mortificação seja muitas vezes necessária.

O autodomínio interior, embora possa mortificar nossa vontade de satisfazer alguns desejos, expressa a liberdade que temos para fazer o que realmente queremos fazer.

Preferir a liberdade do descampado ao teto da cela não é uma mortificação. O valor da liberdade é de uma natureza diferente daquela da proteção relativa que um cárcere pode oferecer.

O orientador espiritual nos ensina que renunciar é ser livre. Que ser livres é, para nós, felicidade e paz.

Equilíbrio

À medida que nos desenvolvemos damos um alcance mais universal a nossos pensamentos e compreensões. Mas também aumenta nossa tendência a menosprezar objetivos relativos, em nosso entender mais limitados.

Quando damos pouca amplitude à ideia sobre a qual baseamos um sistema, costumamos determiná-la segundo estruturas rígidas. Depois, à medida que vamos ampliando nossa visão, damos especial importância à essência da ideia, mas tendemos a relaxar o método para realizá-la.

Isto também ocorre na vida espiritual. Quando expandimos nossa visão interior, se não tivermos o cuidado de dar a ela um alcance integral, será cada vez mais custoso para nós seguir um método que vai nos parecendo relativo e nem sempre necessário.

A verdade é que necessitamos manter o equilíbrio entre o método exterior e a compreensão interior. Toda norma é necessariamente limitada, mas sem uma norma adequada é improvável que consigamos nos desenvolver.

Quanto maior for a amplitude interior que alcançamos, maior será o cuidado com que devemos observar o método que seguimos. Quando não fazemos isto costumamos perder o impulso que nos dá o esforço positivo e nem sempre contamos com outro equivalente.

Quando transcendemos a estreiteza de visão tendemos a dar valor somente às atitudes e estados interiores, sem compreender que estes sempre se expressam em obras exteriores. Por isso, o orientador espiritual nos dá um método exterior preciso para que nossa força interior não se dilua em intenções difusas.

No estado de consciência positivo tendemos a juízos extremos. Se nos dizem, por exemplo, que renunciar é viver sem apoios, queremos descartar todos os apoios, pensando que não servem. Se nos dizem que o método é somente um meio, queremos abandonar todo método.

Tirar todos os apoios é cair no vazio. Além disso, as atitudes extremas levam a posturas rígidas e compreensões limitadas.

Levar uma regra ao pé da letra é tão prejudicial quanto suprimir a regra. Para transcender os apoios necessitamos algum apoio. Transcender os

objetivos que consideramos relativos não significa descartá-los, mas realizá-los quando são necessários, sempre tomando o cuidado para não perder a amplitude interior.

No estado de consciência positivo rejeitamos algo quando não podemos reduzi-lo a ações ou bens concretos, mas quando depois entendemos que esses bens são relativos também queremos descartá-los, sem ter compreendido ainda seu sentido nem a natureza do bem espiritual. Esta tendência confundiu muitos, que se desorientaram por não darem valor aos objetivos positivos ou ao esforço positivo que deviam realizar tanto em suas práticas espirituais como nos trabalhos próprios da vida.

É verdade que quando ensinamos o caminho da renúncia dizemos que não se deve desejar nada, apropriar-se de nada, apoiar-se em nada. Mas isto pode levar erroneamente a desinteresse, indiferença ou confusão. Se não equilibrarmos o não desejar com o fortalecimento de nossa vontade e não aplicarmos esta na realização dos objetivos relativos necessários, não conseguiremos nos situar harmoniosamente no mundo e na vida.

O orientador espiritual ensina diversos exercícios de oração e de meditação, e orienta a transformar esses exercícios em um estado interior de oração de presença. Para produzir essa transformação necessitamos constância na prática dos exercícios ascéticos, do método de vida e das rotinas apropriadas.

Ainda que tenhamos alcançado um estado interior de oração, se não continuamos com a prática rotineira dos exercícios de oração, paulatinamente nossa vida interior vai perdendo força e se reduz a uma recordação do que foi, ou à imaginação do que poderia ter sido.

Para desenvolver-nos, simplesmente trabalhamos. Como não buscamos frutos pessoais através de nossos esforços, nossa responsabilidade não tem limites. Por isso, onde quer que estejamos tentamos fazer tudo da melhor maneira possível, sem nos distrair nem poupar esforços. Quando estudamos, estudamos; quando trabalhamos, trabalhamos; quando dirigimos, orientamos.

Se a renúncia interior não se expressasse em frutos evidentes, tal renúncia seria uma ilusão.

O orientador espiritual ensina que quando aprendemos a nos limitar em ações concretas evitamos que nossos desejos se diluam em tentativas diversas que nunca chegam a culminar em uma realização efetiva.

Quando nos desenvolvemos espiritualmente ampliamos a visão de nossas possibilidades, descobrimos tudo o que poderíamos fazer no meio em que vivemos. Gostaríamos de nos multiplicar, estar em todas as partes, aprender todas as ciências, trabalhar em todos os lugares onde nosso esforço pudesse ser útil para todos os seres.

Tudo se pode fazer, mas somente deixa uma obra para o bem de muitos quem concentra suas forças em um trabalho necessário que lhe é possível fazer naquele momento e lugar.

É bom termos uma compreensão interior ampla, sempre que tivermos o cuidado de equilibrar essa compreensão limitando-nos de forma consciente e voluntária na obra concreta que, em cada momento, podemos fazer para o bem nosso e da sociedade.

É belo percorrer todos os caminhos, conhecer todos os temas, desenvolver todas as aptidões, mas quando queremos realizar uma obra renunciamos a gratificar-nos e nos concentramos nessa obra. Esta renúncia expande nossa compreensão, aumenta nosso potencial criador e nosso rendimento efetivo. Nossa limitação exterior é somente relativa; não impede nossa expansão interior, mas, pelo contrário, dá a ela maior alcance.

Autodomínio

Alcançamos liberdade interior na medida em que alcançamos domínio sobre nossa mente e nossos sentimentos.

Enquanto nos identificamos com os movimentos da mente e do coração não podemos nos conhecer bem. Cremos que pensamos o que nossa mente elabora e que sentimos quando nosso coração se move.

Cremos que pensamos quando somente recordamos e associamos. Cremos que sentimos quando nos emocionamos por reação.

Às vezes pensamos que se controlássemos nossos movimentos interiores viveríamos em tensão e não poderíamos ser espontâneos. É errôneo supor que o domínio e a espontaneidade são atitudes opostas e excludentes. Precisamente, o domínio é o meio que nos permite descobrir a espontaneidade.

Somos espontâneos quando nossas expressões são genuínas, próprias. Não conseguimos ser espontâneos quando estamos identificados com desejos, com temores, com reações automáticas. São estas que então se manifestam e não nós. Descubramos nossa própria voz, essa que se nos revela claramente quando aprendemos a dominar nossos movimentos interiores e, dessa maneira, possamos discerni-los.

Quando escolhemos viver no nível de nossas reações, rejeitamos a ideia do autodomínio e assemelhamos toda norma a um freio que se opõe a nossa liberdade. Chamamos de liberdade a possibilidade de fazer somente uma coisa: obedecer a todos os impulsos que afloram de nosso subconsciente, ainda que sejam contrários a nossos interesses, a nossa saúde, a nosso desenvolvimento. Acreditamos que somos livres, mas quando desejamos libertar-nos de um hábito ou de um vício não conseguimos fazê-lo.

Se nosso pensamento e nosso sentimento não obedecem a nossa vontade, não somos livres; em tal caso, não sabemos ao certo o que somos nem quem somos. Além disso, quando escolhemos viver no nível de nossas reações tornamo-nos escravos delas. Sabemos o que temos que fazer, mas poucas vezes conseguimos fazê-lo. Dizemos: "Gostaria... mas não consigo".

Se nossa identificação com nossas reações é muito grande, necessitamos elaborar um sistema de valores que justifique nosso modo de viver e de ser.

Queremos apoiar-nos em razões que nos forneçam suporte a uma conduta que sabemos que não é justa, já que sempre se mantém em nós uma chispa de consciência que nos indica nosso objetivo real, mesmo que não tenhamos força para realizá-lo pelo fato de depender de nossos desejos variáveis. Essa consciência nos mostra continuamente nossas carências e defeitos. Quando nos observamos com honestidade descobrimos com rapidez a falácia das teorias com as quais pretendemos encobrir nosso egoísmo, nossa separatividade e nossos desatinos.

Vamos alcançando liberdade interior na medida em que dominamos nossos pensamentos e sentimentos através do hábito do autodomínio.

Quando não entendemos bem a função do autodomínio no processo de nosso desenvolvimento, não temos sempre o mesmo grau de domínio. Controlamo-nos mais ou menos conforme as circunstâncias, mas isto somente é o hábito de comportar-nos de uma maneira determinada em cada ocasião. A verdade é que um domínio parcial ou ocasional não é realmente domínio. Autodomínio, do ponto de vista de nosso desenvolvimento, é governo sobre nós mesmos.

O autodomínio nos dá consciência de nossos hábitos inconscientes automáticos e põe em destaque sua natureza.

Uma grande parte de nossas manifestações –gostos, tendências, opiniões, costumes– provêm de hábitos adquiridos que nos fazem reagir de forma automática e inconsciente. Cremos que somos como somos, quando na verdade somos como fomos condicionados. O domínio de nossos movimentos interiores e exteriores traz à nossa consciência as reações que até então eram inconscientes e automáticas em nós.

O que costumamos chamar defeitos ou imperfeições que em nosso entender dificultam nosso desenvolvimento, não são elementos isolados em nós; são hábitos. Ao tomar consciência dos mesmos lutamos contra eles com o objetivo de extirpá-los; mas com esta atitude não conseguimos nosso propósito. Não nos damos conta de que, por um lado, essa luta implica uma repressão de algo que não vai desaparecer, mas, pelo contrário, vai se interiorizar ainda mais. Tampouco percebemos que ao nos esforçarmos para reprimi-lo nos concentramos no hábito que não queremos ter e damos a ele força ainda maior.

Para superar um hábito é preciso suplantá-lo por outro; somente um hábito vence outro hábito. Se temos um pensamento ou um sentimento que fere,

nós o trocamos por outro que seja de amor; se nos acostumamos a fazer algo que prejudica, substituímo-lo por ajudar, colaborar, validar ou alegrar. Quando temos a capacidade de suplantar um hábito por outro podemos fazer mudanças positivas em nossa vida e também na dos demais. Este é um dos pontos fundamentais da educação e do desenvolvimento espiritual.

Para que o autodomínio nos dê liberdade deve ser um governo que exerçamos sobre nós mesmos, de forma livre e voluntária.

No entanto, poucas vezes podemos alcançar domínio sobre nós mesmos apelando somente para a força de vontade; necessitamos da ajuda do orientador espiritual. Seguir as sugestões que recebemos faz com que seja mais fácil controlar-nos.

O orientador espiritual toma o cuidado de não dar indicações que estejam em contradição com nossas aspirações; pelo contrário, orienta-nos de modo que possamos realizar essas aspirações. Mas se não dominamos nossos pensamentos e sentimentos tornamo-nos vítimas de nossos desejos variáveis; às vezes desejamos uma coisa, às vezes outra. Identificamo-nos com os vaivéns de nossos estados interiores flutuantes. Se alguma vez nosso orientador nos indica que façamos algo que não queremos fazer, recordemos que ele nos orienta para onde realmente ansiamos chegar. Se tivermos dúvidas sobre o que ele nos sugere que façamos, temos que esclarecê-las com ele até estarmos seguros de que o que ele nos diz é para nosso bem.

O orientador espiritual ensina que não devemos confundir impulsos com anseios genuínos. Por isso, quando controlamos nossos desejos e os movimentos interiores e exteriores que eles originam, nosso domínio nasce de nossa vontade livre.

* * *

Domínio implica manter-nos atentos a nossos movimentos interiores e ter governo sobre eles.

É comum que, quando dizemos que é necessário o domínio interior, pensemos que dessa maneira exercemos controle unicamente sobre as más tendências. Automaticamente associamos o bom com o desejável e com a alegria; o indesejável, com o mau e com a dor. O controle se associa então com o mal. Se assim fosse, que sentido teria controlar o bom?

Reduzir o domínio à repressão dos movimentos que consideramos maus é dar um alcance pobre à ascética. Além disso, é impossível viver reprimindo todos os movimentos interiores; seria a negação da vida. Precisamos aprender a orientá-los, ou seja, a transformar um sentimento ou impulso que não desejamos experimentar em um que ansiamos ter.

O hábito do domínio consciente é um sistema de conhecimento. O orientador espiritual ensina a dominar-nos não somente para que aprendamos a viver melhor, mas também para que descubramos a natureza de nossos impulsos e para que assentemos nossa consciência de ser em um nível mais profundo que o da expressão de nossos desejos. Por isso, não somente nos ensina a dominar os impulsos instintivos, mas também a controlar emoções que pensávamos serem boas e que por sê-lo tínhamos de deixar fluir tal como se manifestavam. Por isso, o orientador espiritual nos aconselha a não confundir a vida espiritual com emoções intensas, mas que a vida espiritual se expressa em equilíbrio e serenidade.

Por outro lado, o hábito do domínio consciente produz a transmutação de nossa energia.

Quando descobrimos nossa aspiração genuína, nossa vocação real, trabalhamos para dominar nossa vida interior. Este domínio significa orientar nossa energia somente para esse ponto. A canalização dessa energia para um objetivo superior produz uma transmutação.

O desenvolvimento espiritual é, em suma, um processo de transmutação de energia.

Alguns ensinam exercícios especiais de transmutação. Estas práticas não são realmente necessárias, uma vez que o autodomínio mantém ativa nossa consciência e produz a transmutação natural de nossa energia. Para que esta transmutação seja benéfica precisamos ter presente que nosso domínio não se reduz a colocar cercas para conter pensamentos, sentimentos ou movimentos, mas implica o uso sábio da energia com que contamos. Isto é, o uso sábio da vida.

Quando somos conscientes sabemos o que queremos, o que buscamos; conhecemos os meios de que dispomos e discernimos com clareza o que necessitamos e o que é supérfluo para nós. Sabemos viver porque não nos enganamos a nós mesmos.

Mas nem sempre nos é fácil manter equilíbrio em relação com o domínio.

Quando compreendemos que necessitamos nos dominar formulamos grandes propósitos para nós. Se não conseguimos cumprir todos eles, podemos nos desalentar.

Recordemos então que não podemos adquirir domínio interior de um dia para outro. Fortalecemos nossa vontade de forma gradativa ao longo de um processo que exige de nós muita paciência, perseverança e humildade.

Recordemos também que o orientador espiritual não nos pede mais do que nos pede nossa vocação espiritual. Na verdade, não nos pede nada; somente nos desperta interiormente. Com suas sugestões, com sua presença, mantém viva em nós a consciência de nossos anseios genuínos. Essa consciência é a que nos exige domínio interior.

Para que esse domínio promova nosso desenvolvimento deve ter sua origem em nossa vontade livre, ser expressão de nossa consciência –e de nosso respeito à liberdade dos demais–. Cuidemo-nos então da tendência que aparece em nós quando aprendemos a nos dominar um pouco, já que poderíamos querer dominar a vida de outros. Por isso, recordemos que não podemos ensinar domínio através da coação; isso seria submeter outros sem despertar neles sua própria consciência. Não seremos realmente livres se não dermos a outros a liberdade que anelamos para nós.

Transformação Contínua

Embora cada um de nós mantenha sua unidade essencial, em cada instante somos uma nova pessoa. Nossa mente, enriquecida com novas experiências, e nosso corpo, em um processo contínuo de transformação, fazem com que a imagem estática do ser com um ser determinado seja algo ideal.

Não existe *esta* pessoa. Esta pessoa é somente uma imagem que, ao abstrair-se do tempo –que significa mudança– pertence ao passado. Esta pessoa já passou; agora é outra pessoa.

A vida é dinâmica; não podemos evitar a mudança. Quando resistimos, quando não aceitamos a transformação contínua, subtraímos-nos do ritmo vital. Ao determinar-nos *nesta* pessoa, nos cristalizamos.

Se aceitássemos a mudança em vez de resignar-nos a ela quando é inevitável, descobriríamos uma nova vida. Embora cada mudança represente uma espécie de morte relativa, uma renúncia ao que foi, implica também um novo nascimento. Estar vivo é transformar-nos continuamente.

Estes conceitos às vezes às vezes parecem desconectados de nossos problemas cotidianos; não obstante, implicam um modo de viver, de interpretar os sistemas de ideias e a forma em que se determinam em estruturas.

No estado de consciência positivo, quando determinamos uma ideia em uma estrutura, determinamos a nós mesmos na estrutura que criamos. Quando a passagem do tempo torna inevitável a mudança da estrutura, defendemo-la teimosamente: nós *somos* essa estrutura.

O sentido de posse, quando levado a seu extremo, nos cristaliza em uma obra de nossas mãos. Detém-nos. Faz de nós um mero testemunho de algo que já foi.

Quando defendemos possessivamente o que conquistamos, nos identificamos com nossas obras, e perdemos. Perdemos nossas conquistas, que são apenas marcos que permanecem como lembrança de um caminho percorrido. Perdemos a possibilidade de uma nova transformação. Perdemos o dom de nos mantermos conscientes de estar vivos.

O sentido de posse fez com que as doutrinas que concebemos em determinado momento como forças renovadoras se tornassem conservadoras depois de formatá-las em sistemas e estruturas.

Quando descobrimos uma possibilidade nos empenhamos em realizá-la. Elaboramos teorias, fazemos planos e trabalhamos para cumpri-los. Mas quando depois materializamos nossos projetos, nossa conquista se converte em uma nova prisão. Pensamos que nossa solução para os problemas que enfrentamos é a solução. Mas aqueles aos quais a aplicamos já são outros seres, com novas possibilidades e necessidades –e com uma nova visão de vida–. Nós próprios somos outros. Nossas conquistas já não são nossas; nossas soluções já não solucionam. Pertencem ao passado.

Quando nos identificamos possessivamente com nossos triunfos, nos detemos e, de certa forma, morremos. Identificamo-nos com sombras do passado. As ideias, estruturas e bens que acumulamos são somente páginas já lidas de nossa história.

Quando nos detemos, nossas ideias se cristalizam em sistemas rígidos, sem que nos demos conta de que já não atuais; pertencem ao passado. Já não dão frutos.

Uma ideia que é extraordinária quando a concebemos não é liberadora quando a aplicamos se não nos transformamos de acordo com o que essa ideia nos exige.

Quando concebemos uma ideia não conseguimos dar a ela um alcance maior do que as possibilidades de nossa época nos permitem perceber. Se depois não admitimos nossa própria transformação, essa ideia se fixa no tempo; não devê, não adquire um voo mais elevado. Não se universaliza. Ela se detém no que diz respeito a uma humanidade em constante transformação.

Quando uma ideia se materializa, ela o faz através daqueles que não devê, cristaliza-se em moldes velhos. O tempo transcorrido entre sua concepção e sua materialização a torna estranha a nossas novas necessidades, porque já alcançamos uma maior consciência e um campo mais amplo de possibilidades.

Podemos dizer, então, que embora uma ideia contenha o germe de possibilidades insuspeitadas, ela se converte em uma carga insuportável quando a tornamos concreta de forma positiva.

No estado de consciência positivo vivemos de forma estática, encerrados dentro de uma concepção do mundo e da vida que não se transforma. Quando imaginamos e planejamos, fazemo-lo para nossas necessidades e aspirações de hoje. Quando depois aplicamos essas ideias, estas estão anacrônicas, desatualizadas. Aplicam-se a seres de ontem. Se nesse lapso não nos transformamos, também nós somos a imagem do ser de ontem, uma imagem que se aferra à vida desesperadamente, lutando contra o ser de hoje, que no final sempre se impõe.

Mas se o ser de hoje continua a viver segundo o mesmo sentido possessivo, rapidamente se transforma em um ser de ontem.

Quando nos liberamos interiormente de nossas conquistas vivemos uma transformação contínua. A liberdade que temos no que se refere a nossa pessoa, a nosso presente, a nosso passado, nos dá a capacidade de intuir nossas possibilidades futuras. Ou seja, intuir-nos no futuro. Captamos nossas possibilidades reais, e com elas nossas necessidades reais. Nossa liberdade projeta nossa intuição para além da problemática de nosso tempo, e podemos contemplá-la a partir de um ponto de vista mais amplo e completo. Nossa antecipação cobre a distância que implica o lapso entre a ideação e a concretização.

Assim, nenhuma realização é definitiva, nenhuma meta é final.

A realização espiritual se converte em uma nova ilusão se a buscarmos como a experiência última. Uma experiência, por mais extraordinária que seja, é somente uma etapa na corrente das inumeráveis experiências humanas. Somente se deveria chamar realização aos passos irreversíveis. Ou seja, quando o estado de consciência adquirido não permite voltar atrás; quando resume todas as experiências passadas em uma experiência única, simples e completa que se constitui em uma base firme para seguir em frente.

SOBRE CAFH

"Cafh" é uma palavra antiga que se refere ao anseio da alma de unir-se a Deus. Este significado implica o grande espectro do desenvolvimento da alma, desde seu esforço para chegar a Deus até a graça de receber ajuda para consegui-lo.

Cafh é um caminho de desenvolvimento espiritual fundado por Dom Santiago Bovisio em 1937 na Argentina, e que depois se expandiu pelos países das Américas, Europa, Oriente Médio, Austrália e África. No entanto, esta expansão não significa que Cafh funcione como uma instituição grande. Em vez disso, consiste em pequenos grupos de indivíduos que se reúnem de forma regular e que compartilham o anseio comum de dar sentido à vida e de integrar esse sentido a todos os aspectos das relações e experiências cotidianas.

Cafh oferece a seus membros os dons de um método de vida, ensinamentos, exercícios espirituais tais como a reflexão e a meditação, e uma orientação espiritual individual para aquele que a solicitar. Para participar de Cafh, a única coisa que se exige é amor à humanidade e o compromisso de trabalhar no próprio desenvolvimento e para o bem da humanidade.

Para obter informação sobre Cafh e suas atividades, ou para fazer contato com membros de Cafh, buscar em: www.cafh.org